



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**NAIDILENE TEÓFILO DA SILVA**

**PRÁTICAS DE CURAS E BENZEDURAS E SUAS  
REPRESENTAÇÕES: O CASO DO DISTRITO DE SANTA LUZIA DO  
CARIRI-PB**

**SUMÉ – PB  
2017**

**NAIDILENE TEÓFILO DA SILVA**

**PRÁTICAS DE CURAS E BENZEDURAS E SUAS  
REPRESENTAÇÕES: O CASO DO DISTRITO DE SANTA LUZIA DO  
CARIRI-PB**

**Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo, na área de Ciências Humanas e Sociais, pela Universidade Federal de Campina Grande, Campus Sumé – CDSA.**

Linha de pesquisa: Educação do Campo, linguagens e cultura.

**Orientador: Professor Dr. Faustino Teatino Cavalcante Neto**

**SUMÉ – PB  
2017**

S586p Silva, Naidilene Teófilo da.  
Práticas de cura e benzeduras e suas representações: o caso do  
Distrito de Santa Luzia do Cariri - PB. / Naidilene Teófilo da Silva. -  
Sumé - PB: [s.n], 2014.

72 f.

Orientadora: Professor Dr. Faustino Teatino Cavalcante Neto.

Monografia - Universidade Federal de Campina Grande; Centro  
de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido; Curso Superior de  
Tecnologia em Agroecologia.

1. Benzeduras. 2. Rezadeiras. 3. Práticas de cura. I. Título.

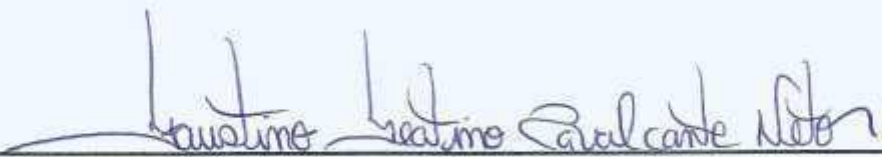
CDU: 2-853(043.1)

**NAIDILENE TEÓFILO DA SILVA**

**PRÁTICAS DE CURAS E BENZEDURAS E SUAS  
REPRESENTAÇÕES: O CASO DO DISTRITO DE SANTA LUZIA DO  
CARIRI-PB**


Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Educação do Campo como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em Educação do Campo, na área de Ciências Humanas e Sociais, pela Universidade Federal de Campina Grande, Campus Sumé – CDSA.

**BANCA EXAMINADORA**




---

Prof. Dr. Faustino Teatino Cavalcante Neto (Orientador)



---

Prof. Dr. Valdonilson Barbosa dos Santos



---

Prof. Dr. Fabiano Custódio de Oliveira

**Data de aprovação 21/09/2017**

**SUMÉ – PB**

***Dedico este trabalho a meus pais, Teresinha Silva e Severino Teófilo da Silva, pois durante todas batalhas, as quais enfrentei durante minha vida, foram meus guias e me deram forças para continuar a jornada, e sempre acreditaram em mim.***

## AGRADECIMENTOS

Essa pesquisa acadêmica é fruto de uma jornada árdua, enfrentando muitas dificuldades, porém ao mesmo tempo prazerosa, pois entendo que o conhecimento é algo compensador na vida de qualquer pessoa que o busca e tenho certeza que me trará bons frutos. Para que esse sonho pudesse tornar realidade hoje, tive o privilégio de contar com o apoio, o carinho e o auxílio de muitas pessoas que sempre estiveram ao meu lado nos momentos de dificuldade, sem dúvidas, irão ficar marcadas em minha memória.

Primeiramente agradeço ao meu poderosíssimo Deus que me sustentou e me sustenta diante das inúmeras dificuldades encontradas em minha vida.

A minha trajetória de grandes aprendizados no programa PIBID Diversidade - CHS foi de imensa importância, pois através da prática docente, tive contato direto com o alunado além de ter custeado as despesas do curso.

Agradeço especialmente as minhas amigas queridas do universo acadêmico, parceiras com quem sempre pude contar, Lorena Rodrigues e Orrely Messias de Oliveira.

Aos benzedeiros(as) do distrito de Santa Luzia do Cariri que me receberam que abriram as portas de suas casas onde tive a honra de partilhar um pouquinho da experiência desse ofício lindo que vocês executam.

A todos os professores que contribuíram com a minha formação em especial aos professores Fabiano Custódio e Wallace Ferreira que muito me ensinaram e contribuíram com a minha formação. Grata pelos quatro anos de conhecimento partilhados.

### *Não poderia esquecer*

Minha família, especialmente, meus pais Terezinha Silva e Severino Teófilo da Silva e irmãs Maria Aparecida da Silva, Maria da Paz da Silva e Maria Nazaré da Silva, sei que a satisfação pelo término de mais essa etapa na minha vida é dividida com vocês que sempre me apoiaram incondicionalmente. Fábio Martinho da Silva obrigada pelo carinho, pela ajuda no processo de escrita e realização desse trabalho.

O professor Faustino Teatino Cavalcante Neto meu orientador por aceitar como sua orientanda, mostrando-me os caminhos da pesquisa científica, pelo compromisso e paciência.

**“Não é a consciência do homem que lhe determina o ser, mas, ao contrário, o seu ser social que lhe determina a consciência.”**

*(Karl Marx)*

## RESUMO

O presente trabalho aborda a atuação dos(as) benzedeiros(as) no distrito de Santa Luzia do Cariri- PB a partir de uma perspectiva cuja atenção está voltada para compreendermos como estas práticas de rituais de cura estão sendo realizadas através das(os) benzedeadoras(os) daquele lugar. Foram nossos interesses específicos: identificar a história do lugar para que possamos situar temporalmente e espacialmente os nossos sujeitos, procurando identificar uma possível relação das práticas culturais desses como resultado das marcas de continuidade das expressões culturais dos povos originários que habitaram a microrregião do Cariri paraibano; analisar as práticas da benzedura de mulheres e homem de Santa Luzia do Cariri enquanto resultado de um contínuo e dinâmico processo de acúmulo de saber popular, destacando como são constituídos os seus diversos rituais de curas mágico-religiosas e os elementos simbólicos utilizados nas suas realizações, bem como identificarmos quais são as principais doenças e práticas curativas presentes em nosso lócus de pesquisa; e pesquisar alguns discursos que se elaboram sobre as benzedeadoras, destacando como no mundo ocidental os mesmos foram apresentados dentro de um quadro de continuidades e descontinuidades, e, especificamente, focando nas enunciações discursivas do padre e do médico do lugar no sentido de perceber quais representações esses dois sujeitos detentores dos saberes religioso e científico, respectivamente, reservam para as rezadeiras. Buscamos aporte teórico no campo da História Cultural, em especial nas articulações de Thompson (1998) e Chartier (1990). O método de procedimento utilizado foi o da pesquisa qualitativa (MINAYO, 1994) e a coleta de dados foi feita através de consulta a uma bibliografia geral e a memória de velhos. Os estudos realizados permitiram compreender que esse universo de cura envolve a participação efetiva de mulheres e homens com histórias e vivências diversificadas, mas que se assemelham pela simplicidade e dificuldades experienciadas. Todos são unânimes em afirmarem pertencentes à religião católica, apesar de eles estarem a margem da religião institucionalizada e exercem suas funções de forma independente estabelecendo suas próprias regras de ordenamento em suas práticas de cura. São as benzedeadoras (os) culturalmente caracterizadas por serem portadoras de um poder especial, capazes de controlar o desequilíbrio físico, emocional e espiritual por meio de benzeção. Por fim, compreendemos o posicionamento da Igreja Católica e do saber médico científico sobre essas práticas, haja vista que é impossível pensar a benzedura separada desses dois discursos.

**Palavras-chave:** Benzedeadoras (os). Práticas de cura. Representações.



## ABSTRACT

The present work deals with the performance of the benzedeadras in the district of Santa Luzia do Cariri - PB from a perspective whose attention is focused on understanding how these practices of healing rituals are being performed through the healers of that place. Our specific interests were: to identify the history of the place so that we can temporarily and spatially situate our subjects, trying to identify a possible relation of the cultural practices of these as a result of the marks of continuity of the cultural expressions of the original peoples who inhabited the micro-region of Cariri Paraíba; to analyze the practices of the women and men of Santa Luzia do Cariri as a result of a continuous and dynamic process of accumulation of popular knowledge, highlighting how they are constituted their diverse rituals of magico-religious cures and the symbolic elements used in their achievements, as well as identify which are the main diseases and healing practices present in our research locus; and to research some speeches that are elaborated on the benzedeadras, highlighting how in the Western world they were presented within a framework of continuities and discontinuities, and, specifically, focusing on the discursive utterances of the priest and the doctor of the place in the sense of perceiving which representations these two subjects who hold religious and scientific knowledge, respectively, reserve for the mourners. We seek theoretical input in the field of Cultural History, especially in the articulations of Thompson (1998) and Chartier (1990). The method used was qualitative research (MINAYO, 1994) and the data collection was done through consultation of a general bibliography and the memory of old people. The studies made it possible to understand that this universe of healing involves the effective participation of women and men with diverse histories and experiences, but which resemble the simplicity and difficulties experienced. All are unanimous in asserting that they belong to the Catholic religion, although they are at the margin of institutionalized religion and perform their functions independently by establishing their own rules of order in their healing practices. They are the culturally characterized by their special power, able to control the physical, emotional and spiritual imbalance through blessing. Finally, we understand the position of the Catholic Church and the scientific medical knowledge about these practices, since it is impossible to think of the separate validation of these two discourses.

**Key-words:** Healers. Healing practices. Representations.

## LISTA DE FIGURAS

<b>FIGURA 1 – ESTADO DA PARAÍBA DESTACANDO O MUNICÍPIO DE SERRA BRANCA .....</b>	<b>18</b>
<b>FIGURA 2 – IMAGEM SATÉLITE MOSTRANDO A LOCALIZAÇÃO DO DISTRITO DE SANTA LÚZIA DO CARIRI NO LIMITE ENTRE OS MUNICÍPIOS DE SERRA BRANCA- PB E SUMÉ- PB.....</b>	<b>19</b>
<b>FIGURA 3 – DISTINÇÃO ENTRE OS ELEMENTOS QUE SE ARTICULAM NA BENZEÇÃO.....</b>	<b>30</b>

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1</b> – PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS NA PARAÍBA .....	26
<b>QUADRO 2</b> – OS CARIRIS E SUAS RELAÇÕES COM O SOBRENATURAL .....	27
<b>QUADRO 3</b> – FORMAS DE TRASSMISSÃO DO OFÍCIO .....	32
<b>QUADRO 4</b> – DADOS PROFISSIONAIS DAS BENZEDEIRAS E DO BENZEDOR .....	32
<b>QUADRO 5</b> – DADOS GERAIS DAS BENZEDEIRAS E DO BENZEDOR .....	33
<b>QUADRO 6</b> – DOENÇAS, SINTOMAS E ESFERA .....	42
<b>QUADRO 7</b> – SANTOS E SEUS PODERES MÁGICO-RELIGIOSOS .....	44

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>12</b>
<b>2 SANTA LUZIA DO CARIRI E SUAS BENZENDEIRAS: APRESENTANDO O CENÁRIO E SEUS SUJEITOS .....</b>	<b>18</b>
2.1 O DISTRITO DE SANTA LUZIA DO CARIRI: MEMÓRIAS SOBRE O LUGAR .....	18
2.2 POVOS ORIGINÁRIOS E SUAS PRÁTICAS E RITUAIS DE CURA .....	22
2.3 BENZEDEIRA E BENZEDOR: PROBLEMATIZANDO CONCEITOS .....	28
2.4 AS BENZENDEIRAS E O BENZEDOR: APRESENTANDO OS NOSSOS SUJEITOS.....	30
<b>3 SANTA LUZIA DO CARIRI: A BENZEDURA, OS RITUAIS, AS DOENÇAS E AS PRÁTICAS CURATIVAS .....</b>	<b>36</b>
3.1 A BENZEDEIRA ENQUANTO CONSTRUÇÃO SOCIAL CONTÍNUA .....	36
3.2 OS RITUAIS E SEUS ELEMENTOS SIMBÓLICOS .....	39
3.3 AS DOENÇAS E SUAS PRÁTICAS CURATIVAS .....	42
<b>4 DISCURSOS OUTROS QUE CONSTROEM AS BENZENDEIRAS: COM A PALAVRA O PADRE E O MÉDICO DO LUGAR .....</b>	<b>47</b>
4.1 A ELABORAÇÃO DOS DISCURSOS SOBRE A BENZEDURA. CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES .....	47
4.2 O PADRE E O MEDICO: DISCURSOS LOCAIS SOBRE A BENZEÇÃO .....	52
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>59</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>61</b>
<b>APÊNDICE A, B, C, D, E - TERMOS DE CONSENTIMENTO UTILIZADO PARA REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS.....</b>	<b>64</b>
<b>APÊNDICE F - QUESTIONÁRIO APLICADO AOS (AS) REZADEIROS (AS) .....</b>	<b>69</b>
<b>APÊNDICE G - QUESTIONÁRIO APLICADO AO PÁROCO LOCAL.. .....</b>	<b>71</b>
<b>APÊNDICE H - QUESTIONÁRIO APLICADO AO MÉDICO LOCAL .....</b>	<b>72</b>

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo tem como tema *Práticas de curas e benzeduras e suas representações: o caso do Distrito de Santa Luzia do Cariri-PB* e objetiva analisar como ocorrem as práticas e rituais de cura das rezadeiras e benzedoras naquela localidade, evidenciando elementos constituintes desse complexo cultural como: os diversos tipos de rituais de rezas, como ocorrem tais práticas de cura, os instrumentos utilizados para a sua realização e as representações<sup>1</sup> dos saberes religioso e médico sobre esse saber popular.

Podemos afirmar que nossa região, e o Brasil como um todo, foi marcada pelo pouco acesso aos tratamentos médicos oficiais e pela forte religiosidade católica por isso a ação de rezadores, curandeiros e boticários era intensa e muitas vezes a única forma de tratamento. Sobre esse ofício, atualmente muito foi desmistificado, muito tem sido comprovado e muito ainda temos por descobrir pois entendemos que se trata de um campo multidimensional. Seus dons transmitiram-nos e ainda continua a transmitir diversas formas de cura, que se tornam comprováveis pela ciência experimental misturando conhecimentos elementos naturais e da fé.

Uma das dimensões mais intensas da experiência social brasileira do século XIX e que marcou bastante o ofício das rezadeiras e suas práticas de curas, dizia respeito à questão da “fragilidade da vida humana”, como ressaltado por Agra do Ó (2005, p. 12). Por aquela época, era demasiado “alto índice de morbidade e de mortalidade” e não apenas males comuns e corriqueiros incomodavam a população: o Brasil foi especialmente vitimado por sucessivas epidemias ao longo do século XIX, quando as “febres e a cólera dizimaram arraiais em pânico, já castigados pela multiplicação de casos de bócio, cegueira e tuberculose, afora as doenças infantis e adultas de que não se conheciam as causas. (AGRA DO Ó, 2005, p. 12). Esse quadro epidêmico contribuiu para que as rezas e práticas de curas forjadas nessa sociedade vivessem um intenso processo de significação e de ressignificação.

Entendermos as rezas e práticas de curas no contexto atual se faz necessário analisar o processo de formação habitacional do município que

---

<sup>1</sup> Sobre os conceitos de práticas e representações nos reportaremos mais adiante.

pretendemos tomar como *lócus* de nosso estudo. Isso porque entendemos que essas as rezas e práticas de curas são resultados de elementos múltiplos dos viveres dos nossos antepassados. Um emaranhado de crenças, tradições e valores provenientes dos grupos indígenas (Sucurus, kariri), afro-brasileiros e europeus. Vejamos:

A região que hoje compreende Serra Branca era habitada inicialmente pelos índios Sucurus, nômades que se distribuíam entre o Planalto da Borborema e o rio Taperoá. Os índios kariri pertenciam a um grupo indígena maior, foram exterminados pelo evento conhecido como “guerra dos bárbaros”. Ligados a natureza estes índios eram pouco competitivos, o que gerou o olhar preconceituoso dos portugueses que os tratavam como seres de língua rústica, primitivos e bárbaros. (PIRES, 1990, p. 27-28)

Estudar o universo cultural das rezadeiras na comunidade de Santa Luzia do Cariri sugere buscar uma reflexão sobre os habitantes que se fizeram presente naquele espaço, o contexto em que viviam suas culturas, as condições de vida que possibilitaram a permanência das práticas até os dias atuais, já que o distrito foi palco de uma grande concentração de práticas curativas envolvendo benzedeiros, raizeiros e parteiras, quando a localidade ainda estava em fase de povoamento e as condições de vida (higiene, alimentação, habitação) eram bastante precárias.

Importante destacar que atividades da caça, da pesca e da agricultura dos povos originários sempre tinham estrita relação com os deuses. Os rituais de cura, de preparação para pesca, os presságios e a explicação para a morte tinham como base as forças do sobrenatural que reagem sobre o universo material. Muitas plantas e ervas nativas da nossa região também eram utilizadas durante os rituais de cura. O conhecimento da flora e das propriedades das plantas os fez utilizá-las nos tratamentos de doenças e hoje isso permanece muito vivo em nossa cultura. Nossos rituais religiosos que praticados hoje, muitas vezes, são marcas culturais dos povos originários, contudo, os realizamos como se fosse uma cultura “genuinamente” nossa. Apropriamo-nos de seus simbolismos e, principalmente, dos costumes religiosos; a forma de lidarmos com o sobrenatural e a cura, através da natureza, onde muitas vezes preferimos negar nossas raízes indígenas acreditando que nossos costumes religiosos originaram-se da cultura européia.

Não podemos negar a presença significativa dessas práticas de cura em várias regiões do nosso Brasil e, nesse particular, em nosso local de pesquisa. Segundo Lima (2012, p.118), “O distrito de Santa Luzia do Cariri é marcado pela predominância do catolicismo, existe inúmeros (as) benzedeiros(as) que são considerados(as) os médicos da cidade. Há rezas para todas as mazelas e enfermidades: dor de dente, mal olhado, ventre caído, carne triada, etc”.

Partindo dessa premissa, é de fundamental importância a sistematização de estudos e pesquisas sobre esse universo tão corriqueiro em nossa região, haja vista que é um campo ainda pouco estudado que corre o risco de cair no esquecimento por parte da população. Esse risco se verifica em razão dos avanços tecnológicos voltados para o campo medicinal. Logo, constatamos que em tempos em que a medicina não era tão avançada, como atualmente, as práticas de cura por meio de benzedoiras e curandeiros eram bem constantes.

Hoje percebemos que apesar dessa prática ser presente em nosso cotidiano, os conhecimentos alicerçados na oralidade das rezas estão sendo ameaçados pelo esquecimento. Muitos dos benzedores e rezadores já faleceram e os que ainda existem são idosos que vêem o desinteresse por parte dos jovens de hoje em aprenderem o ofício e repassar adiante para as próximas gerações como antigamente se fazia.

Portanto as motivações que levaram o desenvolvimento dessa pesquisa foi justamente conhecer mais sobre esse universo fascinante de curas através de rezas, como também trazer para que outras pessoas venham tomar conhecimento dessa cultura. Acreditamos que o registro dessas práticas seja o ponto mais importante por que, talvez, esse saber popular daqui a alguns anos não exista mais em nosso cotidiano.

Teremos por objetivo principal analisar como ocorrem as práticas e rituais de cura através de rezadeiras e benzedoiras no distrito de Santa Luzia do Cariri- PB. Especificamente, objetivamos: identificar a história do lugar para que possamos situar temporalmente e espacialmente os nossos sujeitos, procurando identificar uma possível relação das práticas culturais desses como resultado das marcas de continuidade das expressões culturais dos povos originários que habitaram a microrregião do Cariri paraibano; analisar as práticas da benzedura de mulheres e homem de Santa Luzia do Cariri enquanto resultado de um contínuo e dinâmico

processo de acúmulo de saber popular, destacando como são constituídos os seus diversos rituais de curas mágico-religiosas e os elementos simbólicos utilizados nas suas realizações, bem como identificarmos quais são as principais doenças e práticas curativas presentes em nosso lócus de pesquisa; e pesquisar alguns discursos que se elaboram sobre as benzedeadas, destacando como no mundo ocidental os mesmos foram apresentados dentro de um quadro de continuidades e descontinuidades, e, especificamente, focando nas enunciações discursivas do padre e do médico do lugar no sentido de perceber quais representações esses dois sujeitos detentores dos saberes religioso e científico, respectivamente, reservam para as rezadeiras.

Entendemos que essa cultura em torno das práticas de curas das benzedeadas está presente em nossas memórias e em nosso cotidiano desde os primórdios da sociedade brasileira. Thompson (1998) “definiu” cultura como sinônimo de costume, tratando costume de maneira diferenciada, não pensando somente nas permanências das tradições, mas encarando as práticas culturais como campo das mudanças, o lugar da diversidade, fruto das (re)significações e conflitos.

É seguindo essa trilha acima que situamos este trabalho no campo da História Cultural, em especial, nas articulações entre *práticas* e *representações*. Chartier (1990, p. 17) propõe a investigação de como as *práticas* e as *representações* são construídas, buscando perceber estas últimas como elaborações que os grupos fazem sobre suas práticas. Para esse historiador, “As representações remetem às classificações, divisões e delimitações que organizam a apreensão do mundo social como categorias fundamentais de percepção e de apreciação do real”; e são sempre “marcadas pelos interesses dos grupos que as forjam”. As representações, portanto, podem fazer ver e fazer crer no ausente, e esse poder de evocação tem efeitos de mobilização (conjunto de práticas). Assim, além de produzir efeitos de “real”, as representações produzem efeito no “real”.

A compreensão da *representação* trabalhada nessa pesquisa é tomada como a imagem daquilo que está ausente levando à reflexão de uma existente lacuna entre o representado e a representação propriamente dita. Nessas condições, a análise dos discursos como representações sociais supõe duas



problemáticas essenciais: como os nossos sujeitos da pesquisa (benzedeiros) se representam e como outros sujeitos (o padre e o médico) as representam.

Nesta pesquisa será utilizado o pressuposto da pesquisa qualitativa que responde a questões muito particulares. Minayo (1994) se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado, ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não pode ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

Para adquirir maior conhecimento com relação ao tema abordado foi realizada uma pesquisa bibliográfica, de maneira a compreender o que seria utilizado como base para a aquisição de dados na realização do trabalho.

Na coleta de dados o método de entrevista é uma técnica dinâmica e flexível, útil para apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido.

Partindo das considerações postas, procuramos dar sentido a nossa monografia, intitulada de *Práticas de curas e benzeduras e suas representações: o caso do Distrito de Santa Luzia do Cariri-PB*, estruturando-a em três capítulos.

No primeiro, as análises, que tiveram por base a memória escrita e também a dos antigos moradores, estão relacionadas a história do lugar para que possamos situar temporalmente e espacialmente os nossos sujeitos. O presente texto se justifica no sentido de identificarmos uma possível relação das práticas culturais desses como resultado das marcas de continuidade das expressões culturais dos povos originários que habitaram a microrregião do Cariri paraibano.

No segundo capítulo, problematizamos as práticas da benzedura de mulheres e homem de Santa Luzia do Cariri enquanto resultado de um contínuo e dinâmico processo de acúmulo de saber popular, destacando como são constituídos os seus diversos rituais de curas mágico-religiosas e os elementos simbólicos utilizados nas suas realizações, bem como identificarmos quais são as principais doenças e práticas curativas presentes em nosso lócus de pesquisa.

Para o terceiro e último capítulo, reservamos pesquisar alguns discursos que se elaboram sobre as benzedoras, destacando como no mundo ocidental os

mesmos foram apresentados dentro de um quadro de continuidades e descontinuidades, e, especificamente, focando nas enunciações discursivas do padre e do médico do lugar no sentido de perceber quais representações esses dois sujeitos detentores dos saberes religioso e científico, respectivamente, reservam para as rezadeiras.

Nas conclusões destacamos que, apesar das grandes avanços que a humanidade vem conquistando sobretudo os investimentos da igreja crista ao longo dos tempos contra essas praticas que acabaram não desaparecendo apenas assumiram outras formas de se realizarem no nosso cotidiano. Portanto podemos dizer que essas alternativas de cura sempre foram solicitadas revelando a busca de muitos homens e mulheres por novas alternativas de cura fora do campo da medicina oficial.

Essa pesquisa se enquadra na linha de pesquisa *Educação do Campo, linguagens e cultura*, que se propõe a englobar investigações a partir de narrativas, imagens e as mais diversas linguagens produzidas procurando focar os diversos processos sociais e culturais geradores de aprendizagem. Os estudos nesta linha envolvem questões relacionadas com: discurso literário; discurso midiático; semiótica de manifestações culturais e artísticas; linguagem verbal, visual e sonora. Esperamos que tenhamos contribuído para com a produção de estudos sobre os povos campesinos do Cariri paraibano e desejamos que possam ter uma boa leitura.

## 2 SANTA LUZIA DO CARIRI E SUAS BENZENDEIRAS: APRESENTANDO O CENÁRIO E SEUS SUJEITOS

Conforme já posto acima, teremos como objetivo principal de nossa pesquisa a análise de como ocorrem as práticas e rituais de cura das benzedadeiras do distrito de Santa Luzia do Cariri – PB. Para tanto, entendemos que primeiro se faz necessário investigar na memória escrita e também na dos antigos moradores a história do lugar para que possamos situar temporalmente e espacialmente os nossos sujeitos, identificando uma possível relação das práticas culturais desses como resultado das marcas de continuidade das expressões culturais dos povos originários que habitaram a microrregião do Cariri paraibano.

### 2.1 O DISTRITO DE SANTA LUZIA DO CARIRI: MEMÓRIAS SOBRE O LUGAR

Nossa pesquisa parte do lugar Santa Luzia do Cariri, do qual somos naturais. Um distrito pertencente ao município de Serra Branca que está encravado no centro da microrregião do Cariri da Paraíba.<sup>2</sup> Segundo os dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), atualmente a população de Serra Branca é de 13.637 habitantes.

**Figura 1 – Estado da Paraíba destacando o município de Serra Branca**



Por Raphael Lorenzeto de Abreu - Image:Paraiba MesoMicroMunicip.svg, own work, CC BY 2.5, <https://commons.wikimedia.org/w/index.php?curid=1373861>

<sup>2</sup> Com uma superfície de 1.034 km<sup>2</sup>, ocupa o 8º lugar em extensão no Estado, o que corresponde a 4,4% da Microrregião, distando da capital 240 km e de Campina Grande 110 km. Tem coordenadas de 4º45' e 4º23' de latitude sul e 36º41'00 e 36º33'00 de longitude, tendo como municípios vizinhos - a leste, São José dos Cordeiros; ao Sul, Coxixola e a Sudeste, Sumé. Cf. LIMA, 2012, p. 113.

Nos seus limites territoriais encontram-se dois distritos, o de Sucuru e o de Santa Luzia do Cariri, sendo esse último o de maior extensão territorial e mais populoso.<sup>3</sup>

**Figura 2 – Localização do Distrito de Santa Luzia do Cariri no limite entre os municípios de Serra Branca- PB e Sumé- PB**



De acordo com Araújo (2005), a sua população está distribuída da seguinte forma: 718 pessoas na zona rural e 513 na urbana. Essa população é formada por “agricultores, muitos dos quais aposentados do INSS, e funcionários públicos estaduais e municipais” (LIMA, 2012, p. 117).

Ainda de acordo com esse autor (2012, p. 117), Santa Luzia do Cariri conta com um posto de saúde, escolas municipal e estadual, agência dos correios, posto de combustível, casa lotérica, ruas calçadas, energia elétrica, abastecimento de água através do canal adutor do Congo e cemitério público. Também dispõe de uma Igreja Católica e três evangélicas, sendo essas a Assembleia de Deus, a Congregacional e a Cristã do Brasil. Com a chegada da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB) em Monteiro e da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) em Sumé no ano de 2009, os jovens locais, que costumeiramente migravam para o Sudeste do país (São Paulo), passaram a vislumbrar a possibilidade de frequentarem um curso superior e, desse modo, terem uma melhor expectativa de vida.

---

<sup>3</sup> De acordo com Lima (2012, p. 115), o distrito de Santa Luzia do Cariri fica a aproximadamente 22 km de distância da sede do município, tendo maior proximidade com o município de Sumé.

Segundo dados do Projeto Matimoré (2005), o povoamento desse distrito se deu no início do século XX, às margens da estrada que o liga ao distrito de Sucuru. Os relatos orais de memória dos moradores mais antigos também dizem que o lugar surgiu por volta de do ano de 1907, com a chegada de três moças da família “Rodrigues” (Águia, Joana e Joaquina) vindas da região do brejo paraibano, próximo à cidade de Campina Grande, em busca de abrigo por virem fugindo de cangaceiros. Lima (2012, p. 116) diz que, em suas bagagens, as três donzelas traziam um oratório com várias esculturas sacras, dentre as quais a de Santa Luzia, da qual elas eram devotas. Assim, quando as mesmas escolheram o seu lugar de pouso, construíram uma capela em nome da referida santa onde passaram a rezar novenas como forma de agradecimento a mesma. De tal modo, a devoção a Santa Luzia deu origem ao nome do distrito.

Lima (2012, p. 116) também diz que o posterior crescimento do povoado se deve a dois fatores: primeiro, ao fato de servir de pouso para os fazendeiros que vinham de fazendas como Cacimba Nova, Suçuarana e Saco; e, segundo, ao fato da construção da BR 412 no ano de 1975.<sup>4</sup>

Politicamente a comunidade sempre elegeu vereadores através dos pleitos eleitorais. Lima (2012, p. 117) destaca que os maiores conflitos existentes na comunidade são exatamente as disputas entre partidos e lideranças políticas do município que encontram ressonância no distrito. “De forma acirrada, o período eleitoral é sempre marcado pelas brigas entre os partidos de oposição e situação administrativa” (IDEM). De todo modo, os eleitores depositam nos vereadores eleitos o desejo de os verem empreenderem uma luta pela emancipação política do lugar do então município de Serra Branca. Isso por que “A dependência e a distância da sede fazem com que o distrito não consiga suprir por completo as necessidades da comunidade, que sofre com inúmeras formas de discriminação” (LIMA, 2012, p. 117).

O distrito lócus de nossa pesquisa tem como uma das questões marcantes em sua história o apelido de *Santa Luzia dos Grudes*, tendo repercussão a nível estadual, o que, por vez, “irrita bastante a sua comunidade que se sente agredida em sua identidade local” (LIMA, 2012, p.116). Não se sabe ao certo como surgiu o

---

<sup>4</sup> A BR-412 é uma rodovia, relativamente curta, com sua localização restrita ao estado da Paraíba. Tem início na BR-230, um pouco depois de Campina Grande, passa pelos municípios de Boa Vista, São João do Cariri, Serra Branca, Sumé e termina em Monteiro, quando então, vira BR-110.

dito apelido, porém, segundo os relatos orais de memórias, existem duas explicações.

A primeira diz que a alcunha se deve ao fato de que existia na antiga estrada (hoje BR 412) uma olaria para fabricação de tijolos, onde os tropeiros passavam para levar mercadorias para as cidades do Cariri. Devido às irregularidades das chuvas, peculiar ao semiárido, os trabalhadores daquela olaria dormiam sem tomar banho, depois de passarem um dia inteiro trabalhando com o barro. Eles alegavam que “se amanhã, ao raiar do sol, voltaremos para o barro, porque tomar banho para dormir?”. Assim, “o lugarejo ganhou fama” (LIMA, 2012, p. 116).

A segunda explicação contada pelos mais velhos é a de que moravam no distrito duas irmãs que faziam sabão de gordura animal. Elas limpavam as mãos na própria roupa, estando sempre muito sujas. Por ser essa uma estrada bem movimentada, que servia de pouso para motoristas e demais pessoas que partiam nos *paus de arara*<sup>5</sup> para a região sudeste dos pais, ao verem as moças sujas, logo batizaram o povoado de *Santa Luzia Dos Grudes*, “fama que foi passada de boca em boca, ficando o lugar conhecido em todo Brasil” (LIMA, 2012, p. 116).

Como no distrito há a predominância do catolicismo enquanto religião, também existem inúmeros (as) benzedeiros (as) que são considerados (as) por muitos locais como os médicos do distrito. Há rezas para todas as mazelas e enfermidades: dor de dente, mau olhado, ventre caído, carne triada, etc. “Seu Severino rezava mordida de cobra cuspidando dentro da boca da pessoa que tinha sido picada pela serpente; a senhora D. Alaíde rezava para apagar fogo” (LIMA, 2012, p. 117). É sobre uma arqueologia dessas práticas e rituais de cura que nos debruçaremos no próximo tópico.

---

<sup>5</sup> Pau de arara é o nome dado a um meio de transporte irregular e ainda utilizado no Nordeste do Brasil. Consiste em se adaptar nos caminhões para o transporte de passageiros, constituindo-se em substituto improvisado para os ônibus convencionais. Usa-se também para vender frutas.

## 2.2 POVOS ORIGINÁRIOS E SUAS PRÁTICAS E RITUAIS DE CURA

Sobre os povos originários do interior do atual território paraibano, os estudiosos dizem que existiam dois grupos linguísticos, o Cariri<sup>6</sup> e Tarairiú<sup>7</sup>. Eram encontrados não apenas na região da então Capitania da Paraíba, mas em vários pontos do interior da imensa região que atualmente chamamos de Nordeste e identificados genericamente pelos colonizadores de Tapuias<sup>8</sup>. No que diz respeito à microrregião do Cariri paraibano, dizem que o mesmo teve como povos originários, primeiramente, os Cariris. Mas, quando da chegada dos primeiros portugueses àquelas terras, no século XVII, eles já não mais habitavam como antes aquele espaço. Sobre isso vejamos:

Os Cariris só vieram ocupar as terras do Cariri por meio de assentamentos, pois já desde 1660 estavam instalados em missões ao longo do baixo São Francisco pelo padre João Barros e, por serem “índios mansos”, eram recrutados para acompanhar os sertanistas nas expedições de transporte de boiadas e descobrimentos de terras novas (BRITO, 2011, p. 56).

De acordo com esse autor, por esse tempo, o Cariri paraibano era quase que totalmente desabitado, sendo ocupadas apenas as cabeceiras dos rios Pajeú e Paraíba por algumas aldeias de povos Sucurus, que não eram de etnia Cariri, mas sim Tarairiú<sup>9</sup>. Diz também que eram

Nativos altos, robustos, ferozes e muito primitivos, que tinham por maioral um índio chamado Neongugê e que há poucos anos haviam

<sup>6</sup> O grupo étnico-cultural Cariri apresentava baixa estatura, branquicefalia, mesorrinia tipo mongolóide; praticava a agricultura, conheciam a cerâmica e a confecção de tecidos; seguia o direito matrimonear o avunculato; usava o arco e a flecha e a zarabatana como armas principais; e fazia uso de cabeça-troféu, o animismo, o shamanismo e o canibalismo ritual. Cf. Medeiros Filho, 1984, p. 26. No que diz respeito ao atual território paraibano, sua localização principal se dava no interior, ao longo dos rios do Peixe, Piancó e Paraíba. Cf. Borges, 1993, p. 35-36.

<sup>7</sup> O grupo étnico-cultural Tarairiú possuía características físicas de elevada estatura física, dolicocefalia, hipsicrania, tipo australóide; possuía uma organização econômica coletora; como arma usava a lança de arremesso em que era colocada uma pedra pontiaguda; e fazia uso de machado tosco. Cf. Medeiros Filho, 1984, p. 26. No que diz respeito ao atual território paraibano, sua localização principal se dava no interior, ao longo dos rios Piranhas, Pinharas, Sabugi e Curimataú. Cf. Borges, 1993, p. 35-36.

<sup>8</sup> No período colonial, os colonizadores dividiram os povos originários brasileiros em dois grandes grupos: os tupis (tupinambás), que habitavam o litoral; e os tapuias, que habitavam as regiões mais interiores. A denominação também se tornou sinônimo de bárbaro e selvagem.

<sup>9</sup> Os Sucurus pertenciam à nação Tarairiú e, inicialmente, viviam entre os rios Curimataú e Araçagi (atuais municípios de Cuité e Bananeiras, respectivamente), depois deslocados para região dos Cariris Velhos (Monteiro) em 1662. Cf. Medeiros Filho, 1984, p. 26-28.

migrado da região do Piauí e se instalado nas circunferências das cabeceiras dos rios Pajeú e Paraíba. (IDEM).

Almeida (1978, p. 263) nos oferece importantes informações acerca dos povos originários que habitavam o interior da Paraíba, destacando que os que dominavam o planalto da Borborema<sup>10</sup>, na bacia superior do rio Paraíba, tinham o nome de Sucurus. Estes não tinham habitação fixa e, portanto, abandonavam os lugares quando lhes faltavam recursos naturais. Habitavam, principalmente, os montes, morando em locas e alimentavam-se das coletas e da caça. Durante a conquista de seu território, a maioria dos Sucurus foi morta (por lutas ou doenças) e os que sobreviveram foram assimilados pela miscigenação.

Apesar de esse grupo étnico Tarairiú ter sido subsequente a etnia Cariri no território do Cariri paraibano, compreendemos a presença dessa última cultura como também presente entre os Sucurus. Essa constatação se verifica pelos indícios deixados nos escritos do frei franciscano Martin de Nantes<sup>11</sup>, que foi missionário dos povos Cariri no arraial de Boqueirão. Ao observamos atentamente a sua escrita veremos que, em fins do século XVII e início do XVIII, a língua dos Cariris estava em pleno uso por estes nativos e era conhecida pelos colonizadores. Tanto é que esse mesmo missionário teve que elaborar um catecismo e uma gramática nesta língua nativa<sup>12</sup>. Portanto, nos primeiros decênios de ocupação do Cariri paraibano a língua destes povos era dominante em vasta área geográfica.

Oliveira (2009, p.17) destaca que os processos culturais presentes nos grupos indígenas existentes anteriores ao processo de colonização portuguesa demonstram que a diversidade cultural existente entre eles é significativa, de forma que eles não podem ser enquadrados nos mesmos grupos culturais. No

---

<sup>10</sup> O planalto da Borborema, também conhecido como serra da Borborema, é uma região serrana no interior da região Nordeste do Brasil. Medindo aproximadamente 400 km em linha reta norte-sul, localiza-se nos estados de Alagoas, Pernambuco, Paraíba e Rio Grande do Norte.

<sup>11</sup> O missionário Martin de Nantes aportou em Recife em 1654 e foi missionar na região do rio São Francisco. A obra de Martin de Nantes, publicada em 1707, tinha um longo título: "Relação de uma Missão no Rio São Francisco: relação sucinta e sincera da missão do padre Martinho de Nantes, pregador Capuchinho, missionário apostólico no Brasil entre os índios chamados cariris". Nantes também organizou um dicionário da língua cariri ainda hoje consultado por pesquisadores (historiadores, antropólogos, arqueólogos e linguistas).

<sup>12</sup> Martinho de Nantes, além de escrever "Relação de uma missão no rio São Francisco", em 1687, publicada em 1707, na Bahia, ensinou a língua Kariri ao Frei capuchinho francês, Bernard de Nantes, que, por sua vez, elaborou, em 1709, uma gramática nessa língua intitulada "O Catecismo índico na língua Kariri". Cf. Iglesias, 2011.



que diz respeito ao contato colonizador do português com esses povos originários, vejamos o que essa autora diz abaixo:

Estes povos permaneceram desconhecidos até a segunda metade do século XVII, pois o domínio português muito se preocupou com a economia açucareira que estava limitada ao litoral nordestino. Com a restauração portuguesa, os interesses da metrópole foram revistos. Isto porque foi percebida a necessidade de adentrar por áreas até então desconhecidas por eles. Desbravar lugares que iam além de onde o olhar alcançava se tornou, assim, uma preocupação dos portugueses como forma de confirmar o seu domínio na Colônia e conseguir controlar o interesse de outros países em suas terras coloniais. O lema passa a ser “Povoar para resguardar” (OLIVEIRA, 2009, p. 45).

Oliveira (2009, p. 45) destaca ainda que a existência dos índios “Tapuias” no interior paraibano, Cariris ou Tarairiús, e o choque de culturas e conflitos decorrentes do contato, apontam para um novo questionamento acerca da própria relação destes povos originários com os conquistadores e questiona o posicionamento de alguns pesquisadores acerca do papel desempenhado por estas populações sobre as trocas culturais existentes entre os mesmos.

Assim, quando falamos no contato entre o europeu e os povos originários no período colonial, percebemos que o choque cultural provocado no encontro de dois grupos que possuíam processos culturais distintos pode ser considerado devastador, principalmente quando suas origens e escolhas de valores se apresentam com objetivos distintos. Sobre isso, Pessis afirma:

Quando falamos no encontro dos europeus com os povos originários que habitavam as terras americanas no período colonial não podemos fugir desta afirmação. Se, de um lado, os povos originários privilegiaram em seu cotidiano o aproveitamento dos recursos da natureza, vivendo em harmonia com este mesmo meio de forma a conservar o equilíbrio com outras comunidades humanas, o europeu chegou às terras americanas com o objetivo principal de obter riquezas, dispondo de dispositivos técnicos de destruição física e ideológica que, aos poucos, foram levando esses grupos à sua diminuição gradativa até, em alguns casos, à sua completa extinção (PESSIS, 2003, p. 17-18)

Com base em Santos (2009, p.119) podemos falar em uma história apresentada no tempo e no espaço de forma a apresentar continuidades e rupturas. As continuidades presentes nos vestígios deixados pelo passado e as rupturas provocadas pelo processo histórico. O confronto do europeu com o habitante local começa a provocar, aos poucos, rupturas nos seus processos

culturais devido a este contato que, por sua fragilidade, adquire características da cultura que demonstra ser mais resistente às mudanças, como foi o caso da cultura europeia.

No entanto, provocamos pensar como as práticas e rituais de cura existentes ainda hoje no Cariri paraibano podem remeter a continuidades advindas dos povos originários que habitaram essas terras antes da presença colonizadora europeia. “Entender estas sociedades é ver a necessidade de procurar compreender o que hoje somos de onde viemos e a complexidade da nossa origem, e nos faz tentar buscar respostas que nos mostrem a nossa identidade cultural” (OLIVEIRA, 2009, p. 26). O que, por vez, se torna um processo em meio a desafios e glórias para nós pesquisadores, uma vez que, como bem destaca Oliveira,

Voltar ao passado através dos vestígios encontrados se torna uma viagem no tempo onde a comunicação se dava, também, através de representações, as quais fazem parte do imaginário social de uma determinada sociedade. Até porque, não possuímos registros escritos destas mesmas populações que nos permitam ter acesso a informações mais substanciais sobre o modo de vida destas mesmas populações (2009 p. 26).

De todo modo, a partir das poucas fontes disponíveis, nos é possível identificar que os povos originários tinham um amplo conhecimento das plantas do habitat em que viviam e delas extraíam quase tudo de que necessitavam para a sobrevivência, o que denota o elevado conhecimento botânico das mesmas. Geralmente eram os pajés das tribos que possuíam esta atribuição em manipular as ervas para a cura e outras atividades afins. Tanto os pajés dos Cariris quanto os dos Tarairiús utilizavam a fumaça do tabaco (fumo) como um dos principais medicamentos de cura.

Segundo Santos (2009, p. 60) “O mais interessante acerca do uso das plantas conhecidas pelos nativos brasileiros, está ligado à farmacopeia utilizada amplamente, nos dias de hoje, não apenas pelos caboclos do interior, mas comercializada em feiras livres das grandes cidades”. Cavalcanti e Frikel (1973, p. 11) informam que, de forma geral, os remédios eram e ainda são administrados através de banhos, sumo ou seiva, remédios para uso interno e externo,

aplicados através de fricção, inalados, etc., combatendo febres, dores, reumatismo, feridas; outros são antídotos diversos: antitérmicos, analgésicos, sedativos, antissépticos, cicatrizantes, anti-inflamatórios, diuréticos, eméticos, mucolíticos, antiparasitários, etc.

No quadro a seguir apresentamos algumas importantes plantas medicinais utilizadas, ainda hoje, na Paraíba. Vejamos:

**Quadro 1 - Plantas Medicinais Utilizadas na Paraíba**

VERNÁCULO	NOME CIENTÍFICO	UTILIDADE
Alecrim de cheiro	<i>Rosmarinus officinalis</i> L.	Medicinal
Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Fr. All.	Medicinal/cerca/construção
Bom-nome	<i>Maytenus rigida</i> Mart.	Medicinal (diarreia, desinteria e úlcera)
Caruá	<i>Neoglaziovia spec</i>	Medicinal
Juazeiro	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Casca para higiene bucal
Jucá	<i>Caesalpineia ferrea</i> Mart.	Medicinal
Jurema de embira Mimosa	<i>ophthalmocentra</i> Mart.	Medicinal/cerca viva
Mororó/pata de vaca/mão de vaca	<i>Bauhinia spec</i>	Medicinal (diabetes)
Muçambê	<i>Cleome spinosa</i> L	Medicinal
Pinhão bravo	<i>Jatropha spec</i>	Medicinal (cicatrizante e coagulante)
Quixabeira	<i>Bumelia obtusifolia</i> Roem et Schult. var. <i>excelsa</i> (DC)	Medicinal (hematomas)
Umburana/amburana/amburana	<i>Amburana cearensis</i> (Fr. All.) Smith	Medicinal

FONTE: Santos, 2009, p; 605

A utilização dessas plantas medicinais para o uso humano e animal, nos dias de hoje, só corrobora com o exposto até então, ou seja, sobre o amplo conhecimento que os povos originários tinham do meio em que viviam como resultado de centenas de anos de convívio harmônico com o meio.

Miranda (2004, p. 220) destaca que o uso de raízes e plantas medicinais na arte de curar entre os Cariris foi observado por vários cronistas do período colonial. Medeiros Filho (1984, p. 40), por exemplo, ao analisar as doenças dos Cariris, observa a obra do frei Martin de Nantes que etnografou que eram os seus pajés quem curavam os doentes de suas aldeias, bem como desempenhavam outras práticas mágico-religiosas<sup>13</sup>. Nesse sentido, Duarte Filho (1938, p.105) diz

<sup>13</sup> A etnografia é o método utilizado pela antropologia na coleta de dados. Baseia-se no contato intersubjetivo entre o antropólogo e o seu objeto. A base de uma pesquisa etnográfica é o trabalho de campo, que se dá por meio do contato intenso e prolongado do pesquisador com a cultura do grupo para descobrir como se organizam seu sistema de significados culturais. Os cronistas que viveram no Brasil durante o tempo da colonização deixaram indiciadas em seus escritos as visões

que, no início da colonização, o índio chamado de “caboclo brabo”, preocupado com uma longa seca vivida, procurou no pajé de sua aldeia alguma feitiçaria ou ritual mágico-religioso que aplacasse a fúria dos deuses e acabasse com aquele fenômeno natural. Com a introdução do cristianismo, passou-se a rogar aos santos católicos o fim das secas.

Ao analisarmos a obra de Nantes (1979), notamos como os Cariris eram vistos pelo padre como selvagens “sem fé, sem leis, sem escrita e sem artes”, caídos em todos os tipos de desordens possíveis, embrutecidos, verdadeiras figuras mais animais do que humanas, sobretudo em razão dos deuses que adoravam. Por meio de uma análise cuidadosa a essa escrita do referido padre se é possível perceber como se se foi elaborando uma visão eurocêntrica acerca dos Cariris. Todavia, também se é possível extrair dessa narrativa alguns os indícios das principais visões de mundo daqueles povos no que diz respeito a sua religião e as suas práticas e rituais de curas. Foi nesse sentido que elaboramos o quadro a seguir.

### **Quadro 2 - Os cariris e suas relações com o sobrenatural**

A Religião	Adoravam vários deuses: um para a agricultura, um para a caça, um para os rios e as pescarias. Realizavam constantes festas para estes deuses, provavelmente, festejavam o início da plantação e a colheita, oferecendo-lhes aquilo que plantavam e colhiam. Geralmente estas cerimônias eram acompanhadas de danças. Não fica claro se havia beberagem, como já identificada em outros grupos étnicos não-Cariris. Nas cerimônias, pintavam o corpo.
O Pajé	O pajé adivinhava o que se pensava, predizia o futuro e curava doenças, mas também seria capaz de produzi-las.
Os ritos de cura	Faziam uso de rezas, cantigas e da fumaça do tabaco como meios de curarem as doenças.
Preparação para a caça e a pesca	Para realizarem boas caçadas ou pesca, queimavam ossos de animais ou espinhas de peixe; bebiam o suco de ervas amargas; esfregavam em seus corpos dentes afiados de animais, incrustados em cera, misturado com cinza, penetrando a pele com dores sensíveis e criando tatuagens.
Os presságios	Acreditavam em presságios. Saindo de suas cabanas e ouvindo o cantar de certos pássaros, principalmente aqueles que traziam mau agouro, proferiam-lhe injúrias, amaldiçoavam e, geralmente, retornavam a cabana.
A não cura	Quando ficavam doentes e não obtinham melhoras atribuía-se a culpa a alguém que teria enfeitado o moribundo e que continuava a fazer-lhe mal, impedindo, assim, os efeitos dos remédios.
A morte	Acreditava-se que a morte não era natural, mas causada por enfeitamento, mau-olhado de outro. Apenas no caso de se morrer de extrema velhice é que se aceitava como morte natural.

Fonte: NANTES, 1979, p. 1-7.

---

de mundo dos povos originários, considerados pelos historiadores como significativos registros etnográficos.

Como podemos perceber no quadro acima o universo dos índios cariris era explicado e compreendido através do sobrenatural. O resultado das atividades como a caça, pesca e agricultura tinha estrita relação com os deuses. Os rituais de cura, de preparação para pesca, os presságios e a explicação para a morte tinham como base as forças do sobrenatural que reagia sobre o universo material. Muitas plantas e ervas nativas da nossa região também eram utilizadas durante os rituais de cura. O conhecimento da flora e das propriedades das plantas os fez utilizá-las nos tratamentos de doenças e hoje isso permanece muito vivo em nossa cultura. Nossos rituais religiosos que praticamos hoje muitas vezes nem fazemos ideia que começaram com eles e realizamos como se fosse coisa nossa. Apropriamo-nos de seus simbolismos e costumes e principalmente os costumes religiosos a forma de lidarmos com o sobrenatural e a cura através da natureza onde muitas vezes preferimos negar nossas raízes indígenas acreditando que nossos costumes religiosos originaram-se da cultura europeia.

### 2.3 *BENZEDEIRA E BENZEDOR*: PROBLEMATIZANDO CONCEITOS

Em alguns lugares do Brasil as mulheres e homens que praticam rituais de curas são conhecidos como “rezadeiras (os)”, em outros como “curandeiras (os)” e noutros como “benzedeiras (os)”, como é o caso de Santa Luzia do Cariri - PB. Sendo assim, ao longo de nossa escrita, optamos pelo uso desta última denominação, tendo em vista ser o termo mais usado, tanto pelas pessoas dessa comunidade como pelas próprias benzedeiras que se definem dessa forma. Nesse sentido, faz-se necessário, antes de adentrarmos sobre o estudo mais profundo.

sobre as/os benzedeiras (os) do distrito de Santa Luzia do Cariri, apresentarmos uma breve análise sobre o significado da palavra “benzedeira (o)”.

O Dicionário do Folclore Brasileiro traz a seguinte definição em relação o termo benzedor:

Indivíduo com poder de proteger as pessoas contra as doenças e outros males pela reza. Usa água benta, galinho de certas plantas, acende

velas enquanto vai rezando, às vezes com expressões ou versos incompressíveis. Muitas vezes o rezador é benzedor e curandeiro, recomendando o uso de beberagens, emplastos, purgantes e chás. (CASCUDO, 2000, p.588).

Observamos que além de não se fazer presente o termo benzedor aparecendo apenas o termo rezador onde notamos que o autor iguala os termos “rezador” e “benzedor”, fazendo a referencia de igualdade de significado entre ambos os termos . Entretanto, podemos diferenciar os significados dessas duas palavras na microrregião do Cariri paraibano, especificamente no lócus de nossa pesquisa, percebendo que o termo rezador ou rezadeira também se refere àquelas pessoas que são responsáveis pela organização de orações (novenas e terços) na comunidade. Com base em Moura (2009, p. 29) o termo benzedeira (a) se refere àqueles sujeitos que curam por meio de orações, simpatias e remédios naturais no ambiente de sua própria casa, sem haver nenhuma cobrança pela ação realizada.

De acordo com o Dicionário Internacional de Teoria do Novo Testemunho (1981), a palavra benção deriva do verbo grego *eulogeo*, ou seja, “falar bem de” ou “louvar”. O termo se encontra nas obras de antigos escritores trágicos, sendo composto pelo adjetivo “eu” (bem) e da raiz “log” (falar). Ainda com base em Moura (2009, p. 27) o significado “falar bem” ou o substantivo “boa fala”. Esse termo pode ser aplicado tanto à forma - quando se valoriza o modo como a fala é expressa - quanto ao conteúdo, de onde se tem que eulogia significa louvor e glorificação. A benção é uma palavra “carregada de poder que comunica os bens de salvação e da vida. É também uma oração louvor em reconhecimento pelos bens recebidos”. (DICIONÁRIO INTERNACIONAL DE TEORIA DO NOVO TESTEMUNHO, 1981, p. 282).

O esquema a seguir mostra a distinção entre os elementos que se articulam na benzeção:

**Figura 3 – Distinção entre os elementos que se articulam na benzeção**



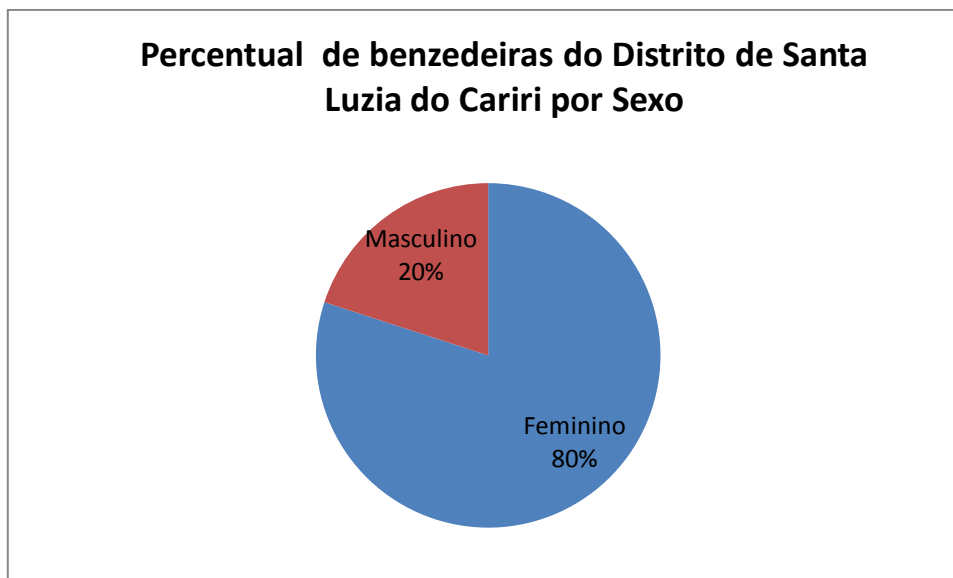
FONTE: Moura 2009, p. 29

Essas são características marcantes que possibilitam a diferenciação desses dois agentes benzedor e rezador. Lembramos que um (a) benzedor (a) é capaz de desfazer um feitiço, mas jamais poderá fazer um com o intuito de atingir de forma negativa uma pessoa ação que os diferencia do curandeiro.

#### 2.4 AS BENZEDEIRAS E O BENZEDOR: APRESENTANDO OS NOSSOS SUJEITOS

Escolhemos o distrito de Santa Luzia do Cariri - PB para realizar a nossa pesquisa, primeiro, por ser conhecido peculiarmente por sua história de surgimento envolvendo o catolicismo oficial, como posto anteriormente, com a chegada das três moças devotas de Santa Luzia; e, segundo, por ter uma forte marca de expressão da religiosidade popular, já que o distrito possui inúmeras (os) benzedoras (os) que são consideradas (os) as (os) médicas (os) do lugar.

Nos últimos anos esse percentual vem baixando gradativamente se compararmos com o século XX. Mas, notamos uma significativa quantidade de pessoas que ainda atuam nas práticas e rituais de curas através da reza no distrito de Santa Luzia do Cariri. A seguir, apresentamos um gráfico que apresenta as benzedoras de nosso lócus de pesquisa por sexo.



FONTE: Gráfico elaborado pela autora.

Atualmente existem em media dez benzedeiros atuantes no distrito e como mostra o gráfico acima percebemos que esse percentual é maior para o sexo feminino que justamente é uma característica predominante em todo território brasileiro.

Para efeito de nosso estudo, entrevistamos três benzedoras e um benzedor, a saber: Josefa Jovelina da Conceição (61 anos), Maria Eliza da Conceição (73 anos), Josefa Luiza Ramos (61 anos) e Josoel Damião de Amorim (51 anos)<sup>14</sup>, todos moradores no distrito e que realizam o ofício de reza e benzeção e cura há muito tempo.

A benzedura como um ofício tradicional possui uma gama de conhecimentos desenvolvidos por seus especialistas que são construídos e reconstruídos no dia a dia de cada um. Tais conhecimentos se renovam e se mantêm a cada caso tratado, a cada visita recebida, a cada remédio produzido ou indicado, a cada oração realizada ou mesmo em conversas com outras (os) benzedoras ou benzedores. Assim, a benzedura se constrói como tal ao longo de uma vasta experiência de vida, das dificuldades encontradas e da necessidade do processo de aprendizado balizado pelas interações históricas do sujeito, dia após dia, seja com as doenças, com seus pacientes ou com seu ambiente.

---

<sup>14</sup> Os sujeitos entrevistados autorizaram a divulgação de seus nomes mediante assinatura de termo de consentimento livre e esclarecido, conforme modelo em anexo.



No que diz respeito ao processo de formação do ofício enquanto benzedeira e benzedor de nossa amostra de entrevistados, construímos o quadro que segue abaixo.

**Quadro 3 - Formas de transmissão do ofício**

<b>NOME</b>	<b>FORMA DE APRENDIZAGEM DO OFICIO</b>
Josefa Jovelina da Conceição	Aprendeu, por necessidade devido à escassez de médicos no distrito, com sua irmã mais velha. Escrevia e depois memorizava.
Maria Eliza da Conceição	Aprendeu, através da observação cotidiana onde conviveu, durante a infância e juventude, com seus avós que eram rezadores.
Josefa Luiza Ramos	Aprendeu, através de observação e memorização, com a mãe e sua avó materna. Não escrevia, apenas memorizava.
Josuel Damião de Amorim	Aprendeu pela convivência diária que teve em sua juventude com vários benzedeiros e benzedeiros do distrito.

FONTE: Quadro elaborado pela autora.

Observamos que o conhecimento particular e especializado das benzedeiros foi transmitido através de parentes próximos que dominavam ou dominam as práticas e rituais de curas através das rezas. Geralmente foram avós, mães e tias. No quadro mais geral, os estudos sobre essa temática destacam que também existem aquelas pessoas que dizem ter adquirido o conhecimento através do “dom que Deus lhe deu”, o que não foi relatado por nenhuma dos entrevistados.

Sobre nossa amostra de depoentes é importante salientar que a maioria teve como profissão a agricultura, somente mais recentemente não exercendo mais essa função em razão da irregularidade de chuvas na região, bem como por se encontrarem idosas e com a saúde debilitada. Para tanto, contribuiu as condições de saúde em que foram criadas eram de extrema precariedade, não existia água encanada e tratada, rede de esgoto, posto de saúde e médicos. A seguir apresentamos um quadro destacando as suas profissões.

**Quadro 4 - Dados profissionais das benzedeiros e do benzedor**

<b>BENZEDEIRA - BENZEDOR</b>	<b>PROFISSAO ANTERIOR</b>	<b>PROFISSAO ATUAL</b>
Maria Eliza da Conceição	Agricultora/ costureira	Aposentada
Josefa Luiza Ramos	Enfermeira	Aposentada
Josefa Jovelina da Conceição	Agricultora	Aposentada em exercício da profissão
Josuel Damião de Amorim	Agricultor	Agricultor

FONTE: Quadro elaborado pela autora.

Constatamos que todas tiveram uma infância muito difícil onde a situação econômica em que viveram era bastante precária. Não tiveram oportunidade de estudar, pois não tinham condições financeiras e, ao mesmo tempo, porque tinham que ajudar a família no trabalho da roça. O trabalho na agricultura era cansativo e permanente, além disso, tinham que dar conta dos trabalhos domésticos. Outra particularidade é a de que todas as benzedeiros e benzedor são nascidos e criados dentro do catolicismo e fazem questão de expressarem o orgulho de pertencerem a essa religião. Sintetizamos algumas dessas informações no quadro a seguir.

**Quadro 5 - Dados gerais das benzedeiros e do benzedor**

<b>BENZEDEIRA - BENZEDOR</b>	<b>COR</b>	<b>ESTADO CIVIL</b>	<b>GRAU DE ALFABETIZAÇÃO</b>	<b>RELIGIAO</b>
Maria Eliza da Conceição	Negra	Viúva	Fundamental completo	Católica
Josefa Luiza Ramos	Branca	Viúva	Fundamental completo	Católica
Josefa Jovelina da Conceição	Parda	Viúva	Fundamental incompleto	Católica
Josuel Damiao de Amorim	Parda	Solteiro	Fundamental incompleto	Católica

FONTE: Quadro elaborado pela autora.

A benzedeira Maria Eliza da Conceição (Dona Lurdinha), viúva aposentada, atualmente se encontra com seus 73 anos de idade. Nasceu e se criou dentro da religião católica, trabalhou como costureira e empregada doméstica para ajudar nas despesas da casa. Com um nível de escolaridade baixo (fundamental incompleto), relata que não teve condições de seguir estudos, pois as condições eram muito precárias na comunidade, tanto em relação ao acesso à educação como aos médicos. A depoente diz que

Hoje não porque estamos na modernidade mais antigamente as condições de acesso a médicos aqui eram muito difícil, só as benzedeiros, raizeiros eram quem curava. Para ter acesso a medico tinha que se deslocar para as cidades de Sertânia, Arcoverde ou Monteiro.<sup>15</sup>

Relata ainda que aprendeu o ofício através da observação cotidiana onde conviveu, durante a infância e juventude, com seus avós que eram benzedeiros. Atualmente sabe rezar olhado, ferida de boca, erisipela, dor lombar, vento caído,

<sup>15</sup> Entrevista concedida a autora em setembro de 2016.

carne triada, cobreiro brabo. Ao longo de sua atuação como benzedeira na comunidade ela diz que passou por grandes experiências que marcaram sua vida, pois a procura por suas rezas eram constantes, pessoas que a procuravam para obter a cura de seus males através das palavras de Deus. Diz com certa melancolia: “Hoje em dia quem vai deixar de se consultar com um medico que já sai com um medicamento na mão para se consultar com uma benzedeira”?

Josefa Luiza Ramos (Quinha), com 61 anos de idade, hoje em dia se encontra aposentada, mas durante sua vida ativa exerceu a profissão de enfermeira na cidade sede de seu distrito (Serra Branca-PB). A mesma depõe que as primeiras experiências na área da enfermagem foram adquiridas inicialmente através de Abel Brito, um antigo morador do lugar já falecido que possuía uma farmácia. Nesta farmácia adquiriu os primeiros conhecimentos na área da saúde aplicando injeção e depois os aperfeiçoou em um curso de enfermagem quando passou a trabalhar legalmente. Diz a depoente que as pessoas da comunidade a procuravam com frequência para a cura das enfermidades que a assolavam, tanto pela profissão de enfermeira quanto pelo ofício de benzedeira. Mesmo tendo o conhecimento científico sobre o uso de medicamentos e a cura através deles, diz que sempre acreditou no poder das palavras das orações como corresponsáveis pelas curas das doenças.

Josefa Jovelina da Conceição (Dona Tulinha), viúva de 61 anos de idade, afirmou que teve uma infância bastante humilde e com pouca escolaridade. Diz ela que se casou muito jovem, cujo esposo era alcoólatra e não gostava que ela praticasse rezas e rituais de cura. Relatou que aprendeu o ofício de benzedeira por necessidade, uma vez que tinha filhos pequenos que frequentemente ficavam doentes e que não encontravam médicos que os atendessem naquele distrito. Disse ainda que depois que um de seus filhos, com três anos de idade, esteve muito doente a beira da morte por causa de um mal olhado forte, adveio o interesse em aprender as rezas com sua irmã mais velha. Escrevia as rezas em um papel e depois fazia simpatia para memorizar aquelas palavras. Atualmente ela reza olhado, vento caído, dor de cabeça, espinhela caída, mordida de cobra, cobreiro e mal de monte.

Josuel Damião de Amorim tem 51 anos de idade e atualmente segue a religião católica, mas relata que por algum tempo esteve afastado do catolicismo,

quando então passou a frequentar uma igreja evangélica. Como consequência dessa decisão, confessou ter se distanciado dos rituais de rezador, uma vez que a religião evangélica discorda desse tipo de prática curativa. Em seu depoimento podemos perceber que além de grande experiência e sabedoria como rezador ele também possui um vasto conhecimento sobre a cura através das plantas medicinais de nossa região.

### **3 SANTA LUZIA DO CARIRI: A BENZEDURA, OS RITUAIS, AS DOENÇAS E AS PRÁTICAS CURATIVAS**

Neste capítulo buscamos problematizar as práticas da benzedura de mulheres e homem de Santa Luzia do Cariri enquanto resultado de um contínuo e dinâmico processo de acúmulo de saber popular, destacando como são constituídos os seus diversos rituais de curas mágico-religiosas e os elementos simbólicos utilizados nas suas realizações, bem como identificarmos quais são as principais doenças e práticas curativas presentes em nosso lócus de pesquisa.

#### **3.1 A BENZEDURA ENQUANTO CONSTRUÇÃO SOCIAL CONTÍNUA**

Podemos considerar que a prática da benzedura enquanto um ofício do saber popular em nossa sociedade é detentora de um vasto conhecimento. Conhecimento esse que é desenvolvido diariamente por seus especialistas. A cada caso tratado esses saberes são mantidos e renovados, pois a benzedura se constrói como ofício através da experiência do sujeito com o meio em que o mesmo vive. O aprendizado ocorre, principalmente, através das interações históricas do sujeito, dia após dia, a cada caso tratado, a cada visita recebida, a cada oração realizada. Desse modo,

As práticas de cura popular são entendidas, não com uma tradição que se mantém através de um conjunto de rituais que se repetem, mas como uma construção social contínua, por estarem inseridas em uma sociedade sempre em movimento, já que a realidade é dinâmica e não se repete na totalidade dos fatos. Nenhuma realidade se reduz ao saber, a realidade é independente, ela é o devir. (CAVALCANTE, 2006, p 24).

Assim, ao constataremos a predominância da religião católica entre as benzedadeiras estudadas, identificamos que as suas práticas de cura são uma reapropriação herdada das crenças que compuseram o multifacetado catolicismo instalado no Brasil desde a época colonial em meio a uma ambiência em que conviveram portugueses, povos originários e africanos.<sup>16</sup> Ao se reportar a prática da benzeção na América Portuguesa, Freyre (1998, p. 324) diz que, sem

---

<sup>16</sup> Sobre isso ver SOUZA, Laura de Mello e. O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

distinguir bem os atos entre “feiticeiros, bruxas, benzedeadas e especialistas em sortilégios”, que eram procurados para tratarem dos “motivos de amor, (...) de fecundidade, de proteger a vida da mulher grávida e da criança ameaçada de tantos males – febres, cãibra, de sangue, mordedura de cobra, espinhela caída, mau-olhado” se é fácil identificar a mistura de traços da liturgia católica, da cultura africana e dos rituais indígenas.

Por vez, essas práticas estão ligadas a formas de “religiosidade que se transmitia em família, ou passava de pessoa a pessoa, numa troca de experiência do poder maravilhoso de certas orações, devoções e benzeções, [em que] o misterioso e o sagrado apareciam em todas as atividades do dia-a-dia.” (HAUCK, 1992, p. 112).

Apesar de as benzedeadas estarem inseridas em um espaço micro, o distrito de Santa Luzia do Cariri, caracterizado por ser uma zona com poucos habitantes, se é possível identificar que não existe uma homogeneidade nas suas práticas de cura. Thompson (2001) observa que “(...) o fato dos indivíduos comungarem de experiências culturais próximas, não implica necessariamente na homogeneização de costumes e valores”. Essa não homogeneização se verifica muito possivelmente em decorrência da dinamicidade que é própria das relações humanas, questão essa também destacada em outra obra de Thompson (1998) quando o mesmo definiu cultura como sendo sinônimo de costume, porém tratando esse de maneira diferenciada ao não pensar apenas nas permanências das tradições, mas encarando as práticas culturais como campo das mudanças, o lugar da diversidade, fruto das ressignificações e conflitos. Durante nosso estudo pudemos corroborar como a reflexão teórica acima ao constatar, por exemplo, que as benzedeadas católicas se distinguem no que diz respeito aos seus horários destinados à execução das benzeções. Quando perguntada sobre seus horários de reza, a depoente Maria Eliza da Conceição (73 anos) disse:

Eu não me nego benzer uma pessoa qualquer hora do dia. Comadre Maria é uma fina benzedeadas, mais quando o sol se põe ela não benze ninguém. Eu disse: “Por que a senhora não benze de noite?” Ela disse: “Por que quando o sol se põe não se reza mais”. Eu disse: “A senhora

está errada (...), pra gente clamar por Deus não tem dia e nem tem hora, se Deus quiser te ouvir ele vai te ouvir qualquer hora.”<sup>17</sup>

Já a entrevistada Josefa Jovelina da Conceição (61 anos), em resposta a mesma pergunta anunciada, nos deu a seguinte explicação:

(...) porque não se reza de noite! Antes do sol se pôr que é pra o sol levar aquela mazela. Se você reza de noite aquilo fica ali vagando, é igual à espirito ruim, fica vagando.<sup>18</sup>

De igual modo, também constatamos que as orações sofrem variações entre as benzedeiros católicas de Santa Luzia do Cariri – PB. Nesse sentido, destacamos dois fragmentos das rezas para curar “carne triada”<sup>19</sup>. O primeiro traz a seguinte composição:

Eu te coso carne triada,  
Nervo torto, osso rendido,  
Assim mesmo eu coso,  
Com as ordens de São Frutuoso.

Já o segundo, apesar de manter o conteúdo, apresenta uma forma diferente, conforme notamos abaixo:

Que coso carne triada,  
Nervo torto, osso rendido,  
Junta desconjuntada,  
Veias covuta, pois isso mesmo eu coso,  
Com as ordens de São Frutuoso.

Portanto, nesse complexo sistema de cura, observamos que, para dar sentido ao que fazem, cada uma das benzedeiros entrevistadas dentro do campo de pesquisa possui a sua própria técnica de execução. A eficácia esta justamente no sentido magico das palavras pronunciadas ou gestos executados que cada um adota para si. Como também apontou o pesquisador Hall (2002), “a identidade não é permanente e unificada” e, portanto, é de fundamental importância

<sup>17</sup> Maria Eliza da Conceição – Dona Lourdinha, 73 anos, viúva aposentada. Entrevista concedida a autora em setembro de 2016.

<sup>18</sup> Josefa Jovelina da Conceição – Dona Tulinha, 61 anos, viúva aposentada. Entrevista concedida a autora em setembro de 2016.

<sup>19</sup> Estiramento muscular. É o caso da torção em um membro, um machucado, uma desmentidura (luxação).

enquanto pesquisadora entender os indivíduos de forma individualizada e não situa-los enquanto categoria homogênea pois ao tomarmos essa postura tendemos generalizar suas práticas, não admitindo a preservação de sua alteridade. Desse modo, seria errôneo pensar as benzedeadas de forma homogeneizada sem levar em às intersecções entre elas e suas particularidades.

As benzedeadas católicas estudadas por nós são diferentes em diversos sentidos, porém se enlaçam na finalidade da cura dos males que afligem a pequena comunidade. É muito forte a relação com a comunidade em que vivem firmando cada dia mais a permanência da prática magico-terapêutica na localidade. Elas são mulheres que, em seus rituais, usam apenas rezas do catolicismo, são caridosas e humildes, não rogam pragas e estão sempre frequentando a Igreja Católica e não medem esforços ao rezarem os seus pacientes.

### **3.2 OS RITUAIS E SEUS ELEMENTOS SIMBÓLICOS**

Ao longo de nosso estudo de campo, notamos que cada ritual de benzedura implica um momento específico na busca da solução do problema dito pelo requerente da aquela prática de cura mágico-religiosa.<sup>20</sup> O ritual, além de elaborar um universo simbólico e empírico, ao mesmo tempo, dele emergem chaves compreensivas que permitem ao sujeito paciente compreender e saber interagir com as agências que constituem a sua realidade.

Sobre os rituais das benzedeadas, Bruschetta (2015) diz que

(...) em linhas gerais, são realizados em dois momentos, um informal e um formal e mais denso. O primeiro é o processo longo, ao menos duas horas, de diálogo com seus solicitantes onde é realizada uma espécie de anamnese e simultaneamente instrução e educação, tanto para lidar com eventos cotidianos, quanto uma educação religiosa. O segundo momento, mais denso simbolicamente, é onde a benzedeadas realiza uma série de ações que identificaríamos como expressamente ritualísticas. É o momento do benzimento, da simpatia e do preparo ou instrução sobre os medicamentos naturais.

---

<sup>20</sup> O ritual de cura tanto pode acontecer na residência da benzedeadas como na casa do requerente.



É nesse tripé de práticas (o benzimento, a simpatia e o preparo ou instrução dos medicamentos) que identificamos a constituição do corpus de conhecimento especializado da benzedeira, sendo nele onde se garante a sua eficácia ritual. Constatamos também que a ordem dessas três práticas pode variar de acordo com o mal a ser combatido, uma vez que todo ritual é intimamente relacionado com a ontologia da doença conforme compreendida pela benzedura.

Tambiah (1985, p. 176) Apud Santos (2007) observa que os rituais das benzedeadas “exploram um número de formas verbais que nós associamos com orações, músicas, soletração, discursos, bênçãos”. Destaca também que a ação ritual não envolve apenas as palavras, mas gestos, súplicas aos santos e interação corporal. Como exemplo, se pode verificar que durante o ritual para se curar alguém de “espinhela caída”<sup>21</sup> a benzedeira levanta os braços do paciente com o intuito de “erguer” o que havia caído.

Identificamos que os elementos simbólicos utilizados pelas benzedeadas do distrito de Santa Luzia do Cariri são ramos verdes, agulhas, velas, fitas, retalhos, água, cordões e uma infinidade de gestos, principalmente os gestos em cruz que é o mais predominante em quase todas as rezas. Sobre o uso dos ramos verdes nos rituais de cura, encontramos ressonância no dito por Cascudo (1978, p. 90) de que, “dentro da prática das benzedeadas são notáveis alguns elementos herdados das diversas matrizes culturais brasileiras, por exemplo, o uso de ervas (ramos)”. Práticas culturais essas que, possivelmente, remontam às experiências dos povos originários presentes naquele espaço antes da presença e ocupação portuguesa.

Observamos que o ritual da benzeção é um universo muito rico em simbologia e significados já que engloba campos relacionados a saúde e a fé, um universo que atrai muitas pessoas de diversas camadas sociais em busca da cura. Todos os elementos que o compõem integram um misterioso espetáculo fascinante, pois justamente orações, as palavras, os objetos sagrados, a expressão corporal e os gestos são elementos marcantes que garantem a crença na eficácia do ritual de benzeção, cujo objetivo primordial é restaurar o equilíbrio perdido pelo corpo e pela alma e unificar o que antes estava fragmentado.

---

<sup>21</sup> Nome popular do apêndice xifoide, uma cartilagem localizada na porção terminal do osso dianteiro do peito, que se articula com as costelas, cuja origem é atribuída ao excesso de peso.

As benzedeadas entrevistadas por nós durante a pesquisa de campo foram unânimes em afirmarem que não cobram dinheiro pelos seus rituais de cura, pois entendem que tais práticas são uma caridade que jamais deverá ser combinada com nenhum tipo de cobrança por parte benzedor ou pagamento por parte benzido, uma ordem seguida com fidelidade por todos e que jamais deverá ser corrompida. Ao afirmarem que não cobram pelas suas rezas, as benzedeadas reproduzem um discurso justificando essa característica de atitude: “Jesus andou pelo mundo e curou as pessoas gratuitamente”. Nesse sentido, a depoente Josefa Jovelina da Conceição (61 anos) disse “As palavras de Deus não se vendem. É sagrado! Se eu rezar numa pessoa e ela vier me dar qualquer coisa em intenção da reza eu não recebo porque reza não se vende”.<sup>22</sup> De igual modo, a entrevistada Maria Eliza da Conceição (73 anos) relatou:

Quando foi na véspera da festa de Santa Luzia, um homem chega na minha porta perguntando “A senhora que a Dona Lurdinha?” Eu disse “Sou!” E ele respondeu “Pois eu sou irmão do rapaz que a senhora benzeu doente do olho” e em seguida me entregou uma caixa. Disse “Meu filho o que é isso?” Ele respondeu “é uma galinha”. Eu disse “É pra festa de Santa Luzia?” Ele disse “Não senhora, a galinha é da senhora, agora esses 20 reais foi que ele mandou pra Santa Luzia”. Respondi “Mais as palavras de Deus não se vendem. (...) a gente clama a Deus gratuito e ele dar a recompensa gratuito também”.<sup>23</sup>

Percebemos pela fala acima da referida benzedeadora que a reza jamais pode ser vendida como forma de mercadoria, portanto, sendo a cobrança por ela um ato repudiado. Porém, também constatamos que as benzedeadas não se negam a receberem pequenos agrados voluntários de seus pacientes, que no entendimento das mesmas não se configuram como uma forma de pagamento pelos rituais de cura, mais como a demonstração de uma forma de gratidão e contentamento pela cura recebida pelo benzido.

No geral, as benzedeadas estudadas em nossa pesquisa se caracterizam por serem pessoas idosas, humildes, trabalharam ou ainda trabalham na agricultura familiar (sobrevivem apenas com uma renda de um salário mínimo) e que estão sempre à disposição da pequena comunidade, não se negando, em circunstância

<sup>22</sup> Josefa Jovelina da Conceição – Dona Tulinha, 61 anos, viúva aposentada. Entrevista concedida a autora em setembro de 2016.

<sup>23</sup> Maria Eliza da Conceição – Dona Lurdinha, 73 anos, viúva aposentada. Entrevista concedida a autora em setembro de 2016.

alguma, a atenderem um pedido de um enfermo e nem cobrando por nenhum ritual de prática de cura.

### 3.3 AS DOENÇAS E SUAS PRÁTICAS CURATIVAS

Conforme observamos durante a nossa pesquisa, as doenças são diagnosticadas pelas benzedadeiras a partir dos sintomas característicos que cada uma possui. De acordo com o percebido, as doenças mais comuns de serem tratadas pelas benzedadeiras são as seguintes: mau olhado, quebrante vento caído ou vento virado, espinhela caída, carne triada, erisipela, sol na cabeça e cobreiro. Vale destacar que essas doenças são diagnosticadas através de sinais que o corpo transmite. Esses sinais podem estar relacionados a esfera física da pessoa como também espiritual, conforme podemos notar no quadro abaixo.

**Quadro 6 - Doenças, sintomas e esfera**

<b>DOENÇA</b>	<b>SINTOMAS</b>	<b>ESFERA (FÍSICA OU ESPIRITUAL)</b>
Mau Olhado ou quebrante	Falência, sonolência, abrigão de boca, inapetência e falta de ânimo.	Esfera espiritual. É proveniente de um fascínio (admiração) que uma determinada pessoa tem sobre qualquer aspecto do ser humano: beleza, forma física, inteligência, etc., ou em qualquer outro aspecto, seja físico ou espiritual, tanto em seres humanos como animais.
Vento caído	Vômito seguido de diarreia de cor esverdeada.	Esfera física. É uma doença específica de criança e que está associada ao desarranjo intestinal e à desidratação. A criança adquire esta doença através de um <i>susto</i> .
Espinhela caída	Dores e ardências na região do peito, indisposição e esmorecimento nos braços.	Esfera física. É uma doença que a pessoa adquire pelo esforço físico excessivo.
Carne triada	Dores musculares	Esfera física. É o caso da torção em um membro, um machucado, uma desmentidura (luxação).
Erisipela	É um tipo de inflamação cutânea que surge pelo corpo. Geralmente, a parte afetada apresenta cor avermelhada e o doente sente febre e dores insuportáveis.	Esfera física. É uma doença causada por uma bactéria.
Sol na cabeça	Forte cefaleia.	Esfera física. É uma doença que a pessoa adquire pela exposição excessiva ao sol,
Cobreiro	Aparecimento de bolhas, vermelhidão, inflamação cutânea, etc.	Esfera física. É uma doença causada por alguns animais e insetos peçonhentos, quando estes, em contato com as roupas das pessoas, deixam nelas seus venenos.

FONTE: Quadro elaborado pela autora

Ao analisarmos o quadro acima notamos que as causas de muitos dos males que acometem as pessoas são atribuídas à condição física e biológica do doente, bem como a fenômenos naturais e sobrenaturais. Doenças como “vento caído”, “espinhela caída” e “carne triada” são causadas pela reação física e biológica do paciente ao sobrepeso realizado pelo mesmo. Já “sol na cabeça” e “erisipela” são exemplos de enfermidades provocadas pela reação do paciente com o meio natural (tempo, clima, vento, poeira, frio, umidade, calor). E o “mau olhado” é o exemplo no que diz respeito a doenças causadas por intervenção sobrenatural. Santos (2012) observa que o “mau olhado” é uma doença proveniente de um fascínio (admiração) que uma determinada pessoa tem sobre qualquer aspecto do ser humano: beleza, forma física, inteligência, etc. ou qualquer outro aspecto, seja físico ou espiritual, tanto em seres humanos como em animais.

É importante ressaltarmos que essa definição de esferas das doenças é fruto de nossos olhares no campo da pesquisa, não sendo atribuída na execução do ofício das benzedadeiras. No ofício de benzer corpo e espírito se complementam sem que haja separação ou fragmentação desses dois campos e isso é uma característica marcante no processo de cura entre as benzedadeiras que se opõe completamente a forma de diagnóstico e cura da medicina científica. Uma vez que, na prática da medicina oficial o nosso corpo biológico é o foco principal para a cura, independentemente dos males espirituais que apresentamos.

Sobre o uso indistinto das esferas corporal e espiritual pelas benzedadeiras de Santa Luzia do Cariri, cabe o exemplo do fragmento de reza utilizada pela senhora Josefa Luiza Ramos (61 anos) para curar “mau olhado”, conforme segue:

Com dois te botaram, com três Jesus benzeria, com as palavras de Deus Pai, o Espírito Santo e a Virgem Maria. Fulano, botaram olhado nos seus cabelos, no seu tamanho, no seu corpo, na sua boniteza, na sua feiura, na sua riqueza, na sua pobreza, na sua sabedoria, na sua alegria, na sua doença.<sup>24</sup>

Percebemos nessa fração de reza que a benzedeira trata as esferas espiritual e mental de forma complementar não separando as duas partes com o intuito justamente de equilibrar a saúde de ambas. O corpo físico só funcionara

---

<sup>24</sup> Josefa Luiza Ramos – Dona Quinha, 61 anos, aposentada. Entrevista concedida a autora em setembro de 2016.

harmonicamente se existir o equilíbrio entre essas duas esferas. Isso só é possível a partir do diagnóstico dos problemas e queixas que estão afetando o dia-dia do paciente.

Algumas benzedeadas consideram que grande parte da eficácia da benzedura se encontra em realizar o benzimento dedicando-o a um determinado santo católico. Dessa forma, o que determina a dedicação da reza a cada santo é o mau que está sendo combatido, devendo a benzedeadora entregá-lo ao santo especialista naquele tipo de aflição. Sobre essa relação entre santos católicos e seus respectivos poderes curativos, vejamos o quadro que segue:

**Quadro 7 – Santos e seus poderes mágico-religiosos**

SANTO	ESPECIALIDADE
São Brás	Auxilia em problemas de garganta e afogamentos.
São Lázaro	Auxilia na cura de feridas.
Nossa Senhora Aparecida	Auxilia no desaparecimento de dores e doenças.
Nossa Senhora de Fátima	Auxilia em questões envolvendo alimentos, flores e jardins.
Sagrado Coração	Auxilia na cura de problemas do coração.
Santa Bárbara	Auxilia na proteção contra tempestades.
Santa Luzia	Auxilia em problemas ligados à visão.
Santas Chagas de Cristo	Auxilia em problemas de dores pelo corpo.
Santo Antônio	Auxilia em problemas amorosos e protege os casais e as crianças
São Roque	Auxilia na cura de feridas.
Santo Expedito	Auxilia em causas que tem de ser resolvidas de forma imediatas.
São Bento	Auxilia na proteção contra o mal em geral e os estudantes.
São Francisco de Assis	Auxilia na proteção dos animais.
São Judas Tadeu	Auxilia em causas difíceis.

FONTE: adaptado Bruschetta, 2015, p; 121

Nessa percepção, seria muito mais difícil, por exemplo, realizar a cura de um mau da visão fazendo suplicas a São Brás que auxilia nos problemas ligados a garganta e afogamentos. Em nossa pesquisa podemos perceber essa relação estabelecida pelas benzedeadas entre uma doença diagnosticada e o santo que tem o poder de cura da mesma por meio de um fragmento da oração da benzedeadora Josefa Luiza Ramos (61 anos), conforme segue:

Oração de Engasgo  
 São Brás Bispo  
 Com três cravos santos disse:  
 Nosso senhor Jesus Cristo

Que esta engasgação  
 Ou desce ou subisse  
 Contanto que dai saísse.

Notamos que os santos são divindades sagradas que representa o cotidiano das benzedeadas. A presença deles é muito intensa pois não apenas clamam por seus nomes como também narram, descrevem eventos de suas vidas. Vejamos dois exemplos:

#### ORAÇÃO DE QUENTURA DE SOL

São Clemente quando no mundo andava  
 O sol brandava ele mesmo curava  
 Com um cálice de vinho e um lenço de linho.

#### ORAÇÃO DE DOR DE DENTE

Já Jesus e São Pedro em sua longa viagem ao rio Jordão,  
 Jesus caminhava e São Pedro atrasava.  
 Que tens Pedro que está andando atrasado  
 Dor de dente com nevralgia e dor de pontada (...).

Em nosso campo de pesquisa tomamos conhecimento do trabalho realizado por essas benzedeadas e seus rituais de cura, notamos que existe uma diversidade de rezas para os inúmeros tipos de doenças. Percebemos que, simbolicamente, as benzedeadas costumam fazer referência à doença sofrida pelo referido benzido com o tratamento a ser utilizado. É interessante notarmos que as frases relatam justamente passagens vivenciadas pelos santos em peregrinação quando ainda em vida.

Vejamos como, de fato, essas características aparecem. Na primeira oração citada acima, para cura de “quentura de sol”, nota-se que a dor poderia ser curada com a utilização de um cálice de vinho e um lenço de linho. Na ação de benzedura realizada por Dona Josefa Jovelina da Conceição (61 anos) para esse tipo de mau, os instrumentos utilizados são justamente uma garrafa de água e um lenço que são postos na cabeça do benzido, onde o ritual remete a um sentido direto com a oração.

A fé é representada como um fundamental elemento sagrado e sobretudo pessoal em que o sujeito benzido pode ou não a deter, tendo isso uma influência direta no resultado da reza. Portanto, a benzedura exige essa ligação nos seres sagrados que é justamente os santos. As benzedeadas revelaram que não adianta

apenas rezar a doença que tem no corpo ou na cabeça da pessoa sem que haja fé, pois a reza para efetivamente curar tem que contar com muita crença, sobretudo fé em Deus. Podemos perceber essa característica através da fala do benzedeiro Josuel Damião de Amorim (51 anos), quando perguntamos sobre a importância da fé para a cura: “Tem que ter fé! Porque se você vem pedir pra mim rezar você, você deve vim com a fé de ser curada (...) com a fé em Deus te cura, se não tiver a reza não vai te curar.”<sup>25</sup>

Identificamos que as variações das frases “Deus é quem cura” (Josefa Jovelina da Conceição) e “A tua fé te curou” (Josuel Damiao de Amorim) são bastante comuns entre os benzedeiros do distrito de anta Luzia do Cariri. Ao analisarmos essas duas frases, podemos encontrar duas dimensões essenciais para compreender o ofício da benzedura de forma mais dimensional como também os sujeitos que a realizam de forma respeitosa. Nessas frases percebemos que a benzedura integra a dimensão religiosa e a dimensão terapêutica em um campo contínuo e interligado. Portanto, entendemos que é impossível pensar a benzedura sem considerar sua interação com essas dimensões.

O ponto que pretendemos desenvolver no próximo capítulo é a característica ambivalente do ofício da benzedura entre o campo da religiosidade católica oficial e o campo da saúde científica, procurando evidenciar justamente os discursos construídos na visão do padre e do médico atuantes no distrito de Santa Luzia sobre a ação do ofício da benzedura.

---

<sup>25</sup> Josuel Damião de Amorim, 51 anos, agricultor. Entrevista concedida a autora em setembro de 2016.

#### **4 DISCURSOS OUTROS QUE CONSTROEM AS BENZEDEIRAS: COM A PALAVRA O PADRE E O MÉDICO DO LUGAR**

Na manifestação de benzer onde corpo e mente se misturam é impossível descartarmos o envolvimento de duas áreas distintas que é justamente o campo religioso e o medicinal. Nos tópicos a seguir busco analisar o posicionamento do profissional de saúde ( médico ) e o padre sobre a atuação benzediros (as). Antes de adentrarmos sobre essa análise, necessariamente, buscamos compreender um pouco sobre o processo histórico que se construiu ao longo do tempo sobre o ofício de cura. É importante percebermos, nos recortes históricos, as mudanças de comportamento da sociedade em relação a benzeção e outras praticas de cura tudo de acordo com as necessidades e interesses das classes dominantes.

##### **4.1 A ELABORAÇÃO DOS DISCURSOS SOBRE A BENZEDURA: CONTINUIDADES E DESCONTINUIDADES**

A Idade Media Ocidental<sup>26</sup> (século V ao XV) foi marcada pelo pouco acesso aos tratamentos médicos oficiais e pela forte religiosidade. Durante esse período, a ação de rezadores, curandeiros e boticários era intensa e muitas vezes a única forma de tratamento existente. Ao longo desse tempo tais práticas foram sendo proibidas e perseguidas pela Igreja Católica<sup>27</sup> e, séculos depois, também pela ciência médica que via nesses profissionais um risco à sua profissão<sup>28</sup>.

Para entendermos melhor os discursos estabelecidos nos dias atuais sobre o universo da benzedura na visão da Igreja Católica e dos médicos é preciso

---

<sup>26</sup> Período da história da Europa que se inicia com a Queda do Império Romano do Ocidente (século V) e termina durante a transição para a Idade Moderna (século XV). A Idade Média é o período intermédio da divisão clássica da História ocidental em três períodos: a Antiguidade, Idade Média e Idade Moderna, sendo frequentemente dividido em Alta e Baixa Idade Média. Cf. FRANCO, 2001.

<sup>27</sup> Este período da história da Igreja é marcado principalmente pela extensão da Igreja entre os povos germânicos e eslavos e inclui duas fases, a chamada de alta idade média (692-1073), que tem como fatos mais marcantes a expansão da fé para além do que havia sido o Império Romano, o feudalismo e o cisma grego ocorrido em 1054; e a baixa idade média que tem início em 1073, desde o começo do pontificado de Gregório VII até a morte de Bonifácio VIII em 1303. Neste período verifica-se forte influência da Igreja nos acontecimentos sociais, culturais, trabalhistas e políticos. Cf. Idem.

<sup>28</sup> Ver SCLIAR, M. Do mágico ao social: A trajetória da Saúde Pública. Porto Alegre: L&M Editora, 1987.



entendermos o seu processo histórico, os fatos que terminaram por constituí-los como o são atualmente, observando se continuam estanques em relação a essas práticas de curas (continuidades) ou se houve mudanças de posturas (descontinuidades). Para pensarmos uma contextualização da ambiência medieval onde tais discursos começaram a se elaborarem, é interessante o ponto de vista de Moura quando diz:

Sendo o indivíduo medievo fruto de uma sociedade agrária, compreendemos a estreita relação estabelecida entre o mundo humano e o mundo natural. O ser humano se vê a mercê de forças desconhecidas e até mesmo incontroláveis, vistas sempre como manifestações divinas. Podemos dizer que o sagrado era ponto de referência para se ver, viver e sentir o mundo. A própria distinção entre sagrado e profano não era tão clara e ambos se misturavam constituindo-se uma totalidade para o homem medieval: visível e invisível, material e espiritual, vida e morte. Toda realidade possuía assim um espaço facilmente identificável por meio dos sentidos e outro oculto, não revelado, situado no “além”, no “supra-humano”. (2009, p. 58).

Para a mentalidade do indivíduo medieval, o sagrado era o referencial de todas as coisas e isso se devia ao fato de ele viver em uma sociedade dependente da natureza por não conhecê-la o suficiente e, portanto, nem podiam poder controlá-la. Por essa razão, se gerava um sentimento de insegurança, temendo pelos resultados das forças desconhecidas. Assim, os indivíduos buscavam as explicações e a proteção no sagrado e no mundo do além, esse é um dos motivos de a Igreja Católica ter tanto poder naquela época.

A mentalidade medieval caracterizava-se também por Deus estar no meio de todas as coisas. A Igreja Católica era a única detentora do saber, da capacidade de explicar todas as adversidades pelas quais passava o indivíduo medieval, portanto ela era fortemente marcada pelo sagrado.

Outro aspecto importante da mentalidade medieval refere-se a dualidade entre o bem e o mal. A crença na existência de duas forças beligerantes, atuando na realidade concreta, sem espaço para a neutralidade, situava homens e mulheres num dos lados. Todo esse conflito constituía parte importante na redenção final das almas. O bem prevalecia, mas deveria enfrentar muitas artimanhas e estratégias do mal, cujo objeto era lograr a ação divina, arrastando o maior número de almas consigo. Levando em consideração todos os desafios enfrentados pela sociedade

medieval, tais como fome, miséria, guerras e doenças, não fica difícil imaginar de que maneira os homens e as mulheres daquela época sentiam-se em meio a esse conflito. (IDEM, p. 60).

Podemos dizer, então, que a função do clero era justamente “cuidar” das questões espirituais do ser humano. Por se denominar intermediário oficial entre deus e os seres humanos, sua autoridade era incontestável e isso acarretava em influenciar diretamente na vida das pessoas do mundo medieval. Portanto, ficava sob sua autoridade denominar o que era realmente mal ou bem em toda sociedade. Na categoria de inimigos do mal combatidos pela Igreja podemos citar os hereges, os judeus, os mulçumanos, os bruxos e as feiticeiras. Franco (1992, p 162) diz que esse clero, para tanto, “usava uma armadura simbólica, a batina, e diferentes armas, como sacramentos, os exorcismos, o crucifixo, a água benta”. Essa instituição se fortaleceu ao longo desse período, conforme vemos a seguir:

Nesse contexto é que surgiram as cruzadas e inúmeras Ordens Militares Religiosas. Da mesma maneira como se enfrentava o inimigo externo, era necessário combater o interno, ao ponto que, tanto clérigos quanto leigos combatiam-no no nível material. A proibição de certas práticas, o controle sobre o desejo sexual e as constantes restrições físicas denotava esta preocupação de vencer o inimigo no plano físico. Para os leigos, as estratégias mais utilizadas eram a adoção do modo de vida eremita e a peregrinação, atitudes comuns por toda Europa, sobretudo durante a Baixa Idade Média. Isto é, nos séculos finais desse período marcados, sobretudo pelo ressurgimento urbano e comercial. (MOURA, 2009, p.61)

De acordo com Nogueira (2004), a associação entre práticas mágicas e as heresias, incluindo o culto ao demônio, começou a se formar no século XIV, quando a Igreja, vendo-se ameaçada por diferentes cisões, disputas de poder com os reis e inúmeras heresias, reuniu forças para estender seu domínio. Buscando fundamentar suas bases institucionais e, portanto, núcleo de poder, esforçou-se por definir o que representava perigo aos seus interesses e que se opunha à sua missão. Nesse caso, tinham-se como alvo as práticas ditas por ela como pagãs e que deveriam ser suprimidas. Diante de tal postura, consolidou-se a posição: paganismo (esfera do mal) *versus* cristianismo (esfera do bem). Diz esse autor que “Do combate ao paganismo e a todas as práticas a este vinculadas, os teólogos procuraram delimitar o campo de ação e os efeitos da

magia, colocando-a em oposição à religião como pura manifestação do mal e contando com a intervenção expressa de uma divindade maléfica: o Diabo". (NOGUEIRA, 2004, p 31).

Entre o final da Idade Média e começo da Idade Moderna as crenças ditas pela Igreja Católica como heréticas foram combatidas com mais intensidade por meio da perseguição eclesiástica. Essa fase será marcada justamente pelo Tribunal da Inquisição<sup>29</sup> que condenou muitas das credices como maléficas quando elas apenas consistiam em simples e antigas receitas e rituais baseadas em tradições não-cristas sem qualquer caráter demoníaco. O clero católico utilizou o poder que tinha para se dizer como o único representante do Deus uno para exigir do povo tudo que desejava e, desse modo, acumulava grande fortuna. Sobre o contexto de mudanças, vejamos:

Concomitantemente à ampliação do poder inquisitorial, ocorrem profundas transformações econômicas, políticas e sociais na Europa, a partir do século XV. E, entendendo a magia como um aspecto social, compreendemos que também ela sofrerá e se adaptará a tais mudanças. Algumas transformações que marcaram a transição do mundo medieval para o moderno, como o ressurgimento do comércio e das cidades, as novas tecnologias, os conhecimentos trazidos do oriente, as grandes navegações e as disputas entre o poder temporal e o clerical, foram mudanças no nível material que afetaram a forma de se relacionar com as práticas mágicas. (MOURA, 2009, p 63).

Apesar das grandes transformações sociais e das investidas do clero ao longo dos tempos contra essas formas de ver e sentir a realidade no mundo, elas não desapareceram. Pelo contrário, assumiram diversas formas e continuam presentes no dia-a-dia dos indivíduos no tempo atual. Problemas diários e práticos, os trabalhos dos(as) benzedeiros(as) sempre foram solicitados e

---

<sup>29</sup> Grupo de instituições dentro do sistema jurídico da Igreja Católica Romana, cujo objetivo é combater a heresia. Começou no século XII na França para combater a propagação do sectarismo religioso, em particular, em relação aos cátaros e valdenses. Entre os outros grupos que foram investigadas mais tarde foram os fraticellis, os hussitas e as beguinas. O termo Inquisição Medieval cobre os tribunais ao longo do século XIV. No final da Idade Média e início do Renascimento, o conceito e o alcance da Inquisição foi significativamente ampliado em resposta à Reforma Protestante e a Contrarreforma Católica. O seu âmbito geográfico foi expandido para outros países europeus, resultando na Inquisição Espanhola e Portuguesa. Esses dois reinos em particular operavam tribunais inquisitoriais ao longo de seus respectivos impérios na América (resultando na Inquisição Peruana e Mexicana), na Ásia e na África.

revelam a busca de muitos homens e mulheres por caminhos alternativos de cura quando a fé se torna a única opção para os males do corpo.

No que diz respeito ao Brasil, Agra do Ó (2005, p.11) diz que, na segunda metade do século XIX, se verificou uma fase de extrema dificuldade na área econômica, que, de certa forma, abalou o campo da saúde, quando então ocorreram sucessivas epidemias que ninguém tinha a menor noção de suas causas e tratamentos. Por aquela época era demais do alto índice de morbidade e de mortalidade e não, apenas, males comuns e corriqueiros incomodavam a população: “o Brasil foi especialmente vitimado por sucessivas epidemias ao longo do século XIX”.

Nesse panorama de epidemias espalhadas pelo Brasil a Paraíba merece destaque, pois foi castigada com o surgimento de várias enfermidades que dizimou multidões, “a província sofreu, durante todo século XIX, não apenas com um rol infinito de doenças, tornadas banais na sua paisagem, como também com vários surtos epidêmicos”. (IDEM, p.12). Esse autor observa o quadro geral da saúde da província da Parahyba dizendo que

A face da província se tornara, então, a de uma região em que a fraqueza das atividades responsáveis pela sustentação da economia local corresponderiam sequências sugas e enlameadas de doentes. As doenças se diluíam na paisagem: morria-se com fartura, na Paraíba. Feliz era quem morria de sucesso, inesperadamente: os demais só por estarem vivos eram potencialmente vítimas de febre amarela, de disenterias violentas, (ou câmaras, ou fleumas, ou corrença, ou ventre solto, que atacavam além dos naturais quase todos os estrangeiros) de sarampo, de cólera, de malária (ou febre intermitente, ou maleita, ou sezão, ou febre de mal caráter), de varíola, (ou doença dos males que vinha sob sete tipos: hemorrágica, confluyente, coribiforma, coerente, gangrenosa, serosa, discreta e varioloide), mal do monte (erisipela, ou isipra, que ninguém podia chamar pelo nome), de ramo, de ventosidade, de dureza, de amarelão, de congestão, de dores diversas (de lado, de pontada), de ferida braba, de opilação, de tísica, de bronquite, de asma, de batedeira (ou gota-coral, ou mal caduco, ou epilepsia, também inominável, atribuída aos excessos venéreos, a masturbação, ao elitismo, à eletricidade atmosférica e a solidão) de reumatismo, de gonorreia, de espinhela caída, de quebranto, de sol na cabeça. (IDEM, p. 20).

Diz ainda esse autor que para superar o padecer, em meio a tantos agravos, rezava-se muito. Quando só a fé não resolvia, reclamava-se do saneamento,

discutia-se um lugar para os dejetos das vítimas, mandava-se buscar médicos e estudantes na Bahia, para acompanhar os quatro escapulários locais. (ALMEIDA p. 26. 1978). A medicina de então firmemente baseada no olhar, valia-se para atuar, da observação junto ao leito do enfermo, baseando-se nos sintomas e sinais visíveis ou suspeitados, os quais, depois de comparados, concatenados e somados determinavam a natureza do estado mórbido. (AGRA DO Ó, 2005, p. 29).

Os doutores baianos são tidos como os iniciadores de uma nova era na sequência evolucionária da medicina brasileira. Nesse contexto, os órgãos públicos estaduais buscavam formas de inserir novas práticas de saberes médicos entre a população com o intuito de frear a propagação dos “rituais de cura” em algumas regiões do Brasil. (SOUZA, 1995).

Todavia, diante da ausência desses estudiosos da ciência médica, a população, que vivia o impacto causado pelas mortes, se via em meio ao desespero de tentar explicar o que estava acontecendo. Nesse contexto, surgiu uma diversidade de sujeitos assumindo posturas de intervenção (práticas de cura) baseadas na força da fé e na natureza para entender e debelar as epidemias<sup>30</sup>. Essas práticas curativas, ainda no século XX, se desenvolveram com grande especificidade em todo estado da Paraíba, especialmente as localidades menos assistidas pelo saber médico científico, onde “Curandeiros e rezadeiras atendiam as pessoas com males do corpo e do espírito acarretando opiniões diferenciadas acerca de suas praticas”. (SOUZA, 1995)

#### **4.2 O PADRE E O MÉDICO: DISCURSOS LOCAIS SOBRE A BENZEÇÃO**

Historicamente foram muitos séculos de perseguição e discriminação sobre às práticas de cura por parte do catolicismo e das organizações de saúde, mas continuam a representar, em pleno século XXI, alternativas para os muitos males que acometem os corpos e mentes dos indivíduos.

---

<sup>30</sup> Doença infecciosa de caráter transitório, que ataca simultaneamente grande número de indivíduos em uma determinada população e/ou região.

O ofício da benzeção sobreviveu firme e forte e ainda persiste muito forte em todo território brasileiro principalmente na região nordeste. Em uma mistura de diferentes tradições sua prática persiste em grandes centros urbanos como também nas pequenas comunidades, como é o caso em estudo do distrito de Santa Luzia Do Cariri. Apesar dos ditos grandes avanços da modernidade, do crescimento da indústria farmacêutica, a verdade é que a sociedade atual, com todo seu conhecimento racional, comprovando tudo através da ciência empírica, ainda não conseguiu se distanciar desses saberes populares tão fortes em simbologia. Não estamos, com isso, supervalorizando a medicina popular, dentro da qual se inclui a benzeção e uso de plantas medicinais, apenas buscamos compreender o posicionamento da Igreja Católica e dos profissionais de saúde sobre essas práticas através do posicionamento do pároco local Claudeci Silva Soares<sup>31</sup> e do médico Erikson Werter Rego<sup>32</sup> atuantes na comunidade de Santa Luzia do Cariri.

Sobre a atuação dos benzedeiros (as) no distrito de Santa Luzia do Cariri, o posicionamento da Igreja Católica é o seguinte:

A igreja não condena essas práticas, mas a gente que compomos a Igreja não aconselha que as pessoas procurem essas rezas, mas é aberto. [...] Não abominamos essas práticas, porém, não recomendamos que os fies a procurem. [...] práticas que tem ligação pagã com o candomblé e macumba, somos totalmente contra. As benzedeiros nós respeitamos. (PÁROCO CLAUDECI SILVA SOSRES)<sup>33</sup>

De início notamos que a Igreja não reconhece a presença das benzedeiros dentro do cristianismo, apesar de todas se considerarem católicas apostólicas romanas. Acreditamos que o sinal que as definem como pertencente à Igreja é

---

<sup>31</sup> Claudeci Silva Soares, atuante na comunidade como pároco desde fevereiro de 2015.

<sup>32</sup> Erikson Werter Rego, cirurgiã geral, 26 anos, natural de Patos-PB, formado em 2014 pela FCM-CG (Faculdade de Ciências Médicas de Campina Grande e tempo em que atua na comunidade.

<sup>33</sup> Entrevista concedida a autora em março de 2017

justamente o batismo, pois elas são unânimes ao afirmarem que são “batizadas e criadas dentro da igreja católica”.

O fato de o padre dizer que “mas é aberto” não significa que existe o reconhecimento oficial pelo cristianismo desse ofício como legítimo. Acreditamos que essa postura se deve apenas ao fato de que a Igreja, ao perceber a forte predominância dessas práticas de cura em nossa região, prefere, estrategicamente, “aceitar” para não perder seus seguidores. Nunca é demais lembrar que “as praticas de cura e benzeção não ferem os princípios da religião oficial, mesmo porque não existe um catolicismo puro nos moldes das propostas elaboradas pelo controle ideológico central da Igreja”. (MELLO, 1999, p. 82).

Compreendemos que a questão posta pela Igreja Católica é que muitas dessas práticas de cura ditas pagãs, como é o caso da benzedura - não oficialmente parte do catolicismo, mas que é considerada como parte dele -, acabam corrompendo e comprometendo a “originalidade” e genuinidade da fé cristã.

A História nos mostra que essas adaptações sempre aconteceram dentro da Igreja Católica que sempre teve o poder de ir e vir com seus conceitos fazendo com que tudo a favorecesse para adquirir mais seguidores e riquezas através das indulgências<sup>34</sup>. No bojo desse processo, diversas tradições pagãs que foram reprimidas no mundo ocidental pela força da lei não desapareceram, apenas foram convertidas ao cristianismo que simplesmente mesclou elementos do paganismo em suas bases e, assim, trouxe para si mais adeptos e mais lucros.

Sempre existiu, e ainda existe, disputa de poderes entre o cristianismo e todas as outras religiões ditas por ela como pagãs. O preconceito construído no passado (Idade Média e Idade Moderna) sobre muitas outras religiões, muitas delas de origem indígena e africana, ainda continuam presentes nas mentalidades

---

<sup>34</sup> Na doutrina católica, Indulgência é a remissão, total ou parcial, da pena temporal devida, para a justiça de Deus, pelos pecados que foram perdoados, ou seja, do mal causado como consequência do pecado já perdoado através da confissão sacramental, a remissão é concedida pela Igreja Católica no exercício do poder das chaves, por meio da aplicação dos superabundantes méritos de Cristo e dos santos, por algum motivo justo e razoável. Embora "no sacramento da Penitência a culpa do pecado é removida, e com ele o castigo eterno devido ao pecado mortais, ainda permanece a pena temporal exigida pela Justiça Divina, e essa exigência deve ser cumprida na vida presente ou no depois da morte, isto é, no Purgatório. Uma indulgência oferece ao pecador penitente meio para cumprir esta dívida durante sua vida na terra, reparando o mal que teria sido cometido pelo pecado.

das pessoas de forma muito perceptível. Simplesmente não nos damos conta que muitos dos rituais e cerimônias que hoje são realizadas dentro do catolicismo provêm, sobretudo, das práticas ditas pagãs que foram sendo gradualmente introduzidas na Igreja Católica com nomes cristãos. Esse preconceito é expresso pelo pároco entrevistado quando ele diz que as práticas da benzeção “(...) tem ligação pagã com o candomblé e macumba, somos totalmente contra”.

Como pode a essa Igreja se posicionar contra algo que a constitui? Por que o que se faz hoje dentro dos rituais católicos, se formos pesquisar suas origens, denota trações das várias culturas mágico-religiosas que formaram a sociedade brasileira. Logo, chegaríamos a conclusão de que o dito catolicismo oficial não existe e não temos nenhuma ideia de como a fé cristã pura e original deveria ser praticada hoje, caso primasse pela busca por essa originalidade.

Muitas tradições que não foram convertidas, popularmente, foram sendo reelaboradas cotidianamente através das necessidades da fé popular. As benzedeadas de Santa Luzia Do Cariri, por exemplo, criam o seu linguajar, usam os seus elementos sagrados, exercem suas atividade religiosa com liberdade e sem que haja nenhum envolvimento de obrigação com a Igreja Católica. Percebemos que não existe um diálogo das partes em questão. Sobre isso, vejamos:

A dificuldade aumentara, separando cada vez mais o catolicismo oficial do 'popular' como se esse fosse autônomo e aquele o único estatuto válido. A aproximação [das duas partes] só se fará se a fé cristã for um princípio crítico for capaz de introduzir na religião do povo a crise da evangelização. Mas, ela não pode ser imposta ou oferecida já pronta de fora. Deve nascer auscultando a própria vida do povo (BRANDÃO, 1977, p. 183).

Portanto ao analisarmos esse posicionamento percebemos que quando a religião oficial não dialoga e simplesmente se distancia da religião popular cria seus meios de sobrevivência, resistindo e com isso proliferando seus métodos de atendimento ao público. Isso é o que de fato aconteceu com as benzedeadas que exercem suas funções sem que haja ligação com a Igreja, criando e recriando suas próprias regras dentro de um campo simbólico de silenciamento entre elas (cristãs) e a Igreja Católica do lugar.

A pratica da benzeção persiste porem vem cada dia de encontro oposto a trajetória do pensamento ocidental moderno. Ante o exposto, entendemos que a



sobrevivência dessas práticas de cura, tanto o uso de ervas medicinais como a benzedura como expressão da medicina popular, explica-se pelo fato de que tais práticas têm fornecido sim respostas à uma série de insatisfações à população que a elas recorrem. Ao entrevistarmos o médico Érickson Werter Rego, que atende na comunidade há algum tempo, o mesmo ressalta sobre uso de plantas medicinais:

Na Faculdade de medicina realmente existe uma deficiência, a gente não estuda, não ver muito essa questão da fitoterapia que é o poder das plantas medicinais. Apesar de que a maioria dos medicamentos, das drogas que usamos hoje em dia (alopáticas) essas também são tiradas e surgidas a partir das plantas medicinais. O conhecimento vem daí. Então, assim, não deixa de ter a mesma origem mas a gente não tem uma formação pautada no uso da fitoterapia, no uso das plantas medicinais. (MÉDICO ERICKSON WERTER REGO)<sup>35</sup>

Existe um reconhecimento por parte do depoente de uma deficiência em sua formação sobre o uso de plantas medicinais e acreditamos que essa carência de formação científica com relação aos fitoterápicos seja um dos empecilhos para a implantação da fitoterapia nas redes públicas de saúde. Entendemos que, mesmo com o avanço da medicina moderna na maior parte do mundo, é necessário que os profissionais de saúde estejam capacitados sobre a utilização das plantas medicinais e dos medicamentos fitoterápicos para uma maior intervenção na atenção à saúde da população. Portanto, acreditamos que a implantação e o fortalecimento da Fitoterapia na rede de saúde é uma questão de cidadania, pois possibilita a população sair do seu papel de passividade e passar a ser um agente ativo no cuidado com a sua saúde. Disse ainda esse nosso depoente:

Então, assim, algumas doenças e as mais simples uma dor de cabeça, esporádica, uma febre, dependendo do grau da febre, deficiências alimentares como, por exemplo, falta de ferro, o suplemento deste deve ser a partir da alimentação, a partir de plantas vegetais. Eu vejo paciente que é hipertenso e não pode usar medicação por que faz uso de chás ou planta tal achando que vai diminuir a hipertensão. Determinadas doenças é só a medicação mesmo. Existem medicamentos que fazem efeitos bem melhor e bem mais rápido que as plantas. (MÉDICO ERICKSON WERTER REGO).

---

<sup>35</sup> Entrevista concedida a autora em outubro de 2015.

De acordo com as afirmações do médico entrevistado, podemos perceber que a medicina oficial não se opõe totalmente ao uso de plantas como alternativa de cura de doenças. Reconhece perfeitamente a eficácia das plantas para cura de um determinado grupo de doenças, sobretudo as mais simples, porém também as considera inadequadas para responder a imensa demanda de doenças, atualmente cada vez maior.

Aqui em nossa região, essa cultura é bastante presente onde as pessoas recorrem primeiramente aos tratamentos com uso de ervas medicinais e até mesmo de rezadeiras. Muitas vezes a Unidade de Saúde fica como segunda opção mesmo. (IDEM).

Esse comportamento de deixar a Unidade de Saúde como segunda opção, como relata o médico, está relacionado justamente à forma em que os benzedeiros encaram a doença, diferentemente da medicina oficial que concentra seus esforços na doença e esquece o paciente em si. Nesse sentido, Moura (2009, p 55) afirma:

No caso da medicina oficial o doente é visto como objeto e o médico como mecânico, a doença como avaria e o hospital, uma oficina. Tal forma de encarar o doente e as enfermidades leva a um tratamento distanciado, frio e agressivo, no qual o doente deixa de ser um agente ativo e é excluído do saber em torno do mal que o aflige e do funcionamento dos tratamentos aos quais é submetido.

Acreditamos que a prática da benzeção, assim como uso de plantas medicinais como alternativa de cura, está em oposição à trajetória do pensamento moderno dentro do qual está inserida a medicina oficial. Atualmente a indústria farmacêutica oferece essa vantagem que é justamente a fabricação em larga escala de variados tipos de medicamentos, porém sabemos que a acessibilidade desses medicamentos que garantem a cura é bem diferente para a população carente do nosso Brasil.

A benzeção se caracteriza, sobretudo, pela gratuidade do atendimento, pelo contato, aproximação física (tocar, cheirar, sentir o doente), pois a cura esta destinada aos males do corpo e também da alma como exposto no segundo capítulo. Dessa maneira, tanto os agentes da benzeção que preservam e transmitem a tradição, quanto os indivíduos que compõem a comunidade de

Santa Luzia do Cariri se beneficiam dos seus serviços e, ao mesmo tempo, garantem a existência dessa tradição.

A medicina já evoluiu bastante pra gente fechar os olhos pra os medicamentos mais modernos e só acreditar na cura pelas plantas ou rezas, apesar de sabermos que essa é uma prática cultural aqui da nossa região, não é recomendável porque sabemos que alguns desses procedimentos não possuem base científica. (MÉDICO ERICKSON WERTER REGO).

O paradigma de tratamento representado pelos agentes da medicina erudita estabelece como base justamente o diagnóstico e a medicação baseando-se na comprovação empírica dos tratamentos que utiliza. A ação consiste justamente em tratar a enfermidade com a finalidade primordial em destruir os sintomas apresentados. Notamos que esse é um procedimento que difere do método utilizado na benzeção.

Seus procedimentos estão calcados no empirismo terapêutico, no qual, a observação e conhecimento experimentado, fornecem-lhe a base para a eficácia em determinados casos. Representam uma forma específica de se pensar o corpo, a doença e a cura, baseados numa concepção simbólica e mágica do mundo. Quando empregamos o termo “mágico”, estamos nos referindo a noção de confiança em certa ordem na natureza e em certos processos capazes de agir sobre essa natureza, manipulando forças conhecidas apenas por iniciação. (MOURA, 2009, p 53).

Nesse sentido, a benzeção difere da medicina oficial na medida em que propõe a gratuidade no atendimento, na junção de experiências e conhecimentos, na aproximação com o paciente que, sobretudo visa à restauração física, emocional e espiritual do doente. Portanto entendemos que mais uma vez a prática de benzeduras difere da medicina oficial justamente porque não se comunica por meio de uma instituição médica e sim pela comunidade presente como por exemplo a vizinhança, a família e etc.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao abordamos o ritual de benzeção como objeto de pesquisa, buscamos, de forma sucinta, analisar como ocorrem as práticas e rituais de cura no distrito de Santa Luzia do Cariri-PB. Especificamente, objetivamos investigar na memória dos moradores a história do lugar, qual seja: Santa Luzia do Cariri; os diversos tipos de rituais de rezas e práticas de cura vivenciadas pelo saber popular das rezadeiras e benzedadeiras, bem como identificar quais são os instrumentos utilizados para a realização desses rituais; e, por fim, os discursos que externamente constroem a identidade dos benzedeiros(as) e de suas práticas mágico religiosas.

Inicialmente partimos buscando investigar na memória escrita e também na dos antigos moradores a história do lugar para que pudéssemos situar temporalmente e espacialmente os nossos sujeitos, identificando uma possível relação das práticas culturais desses como resultado das marcas de continuidade das expressões culturais dos povos originários que habitaram a microrregião do Cariri paraibano.

Verificamos que nossa região era formada por dois grupos linguísticos o Cariri e Tarairiú esses povos tinham amplo conhecimento das plantas do habitat em que viviam e delas extraíam quase tudo de que necessitavam para a sobrevivência, o que denota o elevado conhecimento botânico das mesmas. O universo dos nossos povos originários (Cariri e Tarairiú) era explicado e compreendido através do sobrenatural. Para os índios cariris, por exemplo, o resultado das atividades como a caça, pesca e agricultura tinha estrita relação com os deuses. Os rituais de cura, de preparação para pesca, os presságios e a explicação para a morte tinham como base as forças do sobrenatural que agiam sobre o universo material.

Verificamos que esse universo de cura envolve a participação efetiva de homens e mulheres com histórias e vivências diversificadas, mas que se assemelham pela simplicidade e dificuldades vencidas. Todos são unânimes em afirmar serem pertencentes à religião católica apesar de estarem a margem da religião institucionalizada e exercem suas funções de forma independente estabelecendo suas próprias regras de ordenamento em suas práticas de cura.

A benzedura se constrói como tal ao longo de uma vasta experiência de vida, das dificuldades encontradas e da necessidade do processo de aprendizado balizado pelas interações históricas do sujeito, dia após dia, seja com as doenças, com seus pacientes ou com seu ambiente.

Observamos que o conhecimento particular e especializado das benzedadeiras foi transmitido através de parentes próximos que exerciam as práticas e rituais de curas através das rezas. Geralmente, foram avós, irmãs mães, vizinhos e tias que diariamente conviviam com essas praticas, inseridas em seu espaço micro, se foi possível identificar que não existe uma homogeneidade nas suas práticas de cura. No sentido de não haver cobranças em suas atuações verificamos uma certa unanimidade de posturas pois todas afirmam que seu ofício jamais deveria ser combinada com nenhum tipo de cobrança.

Buscamos compreender o posicionamento da Igreja Católica e do saber médico científico sobre essas práticas, haja vista que é impossível pensar a benzedura separada dessas duas áreas. Corpo e espírito se complementam sem que haja a dualização e isso é uma característica marcante no processo de cura entre as benzedadeiras que se opõe completamente a forma de diagnóstico e cura da medicina científica. Apesar de se considerarem católicas, as benzedadeiras de Santa Luzia do Cariri, criam o seu linguajar, usam os seus elementos sagrados, exercem suas atividades religiosa com liberdade e sem que haja nenhum envolvimento de obrigação com a Igreja Católica.

Por fim, esperamos que essa pesquisa venha como possibilidade para outras reflexões sobre esse universo tão amplo e presente e ainda pouco estudado em nossa região e, por essa amplitude, entendemos que não conseguimos abraçar toda a reflexão sobre as benzedadeiras (as) do distrito de Santa Luzia do Cariri. Como proposta, fica em aberto para que outros pesquisadores sigam com mais estudos sobre esse saber popular que, talvez, daqui a alguns anos não exista mais em nosso cotidiano.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGRA DO Ó. Alarcon. **Relatos de Males: notas acerca dos modos de adoecer na Paraíba Imperial**. In: \_\_\_\_\_; et al. A Paraíba no Império e na República: estudos de história social e cultural. 2. ed. João Pessoa: Idéia, 2005.

ALMEIDA. Horácio de. **Historia da Paraíba. Joao Pessoa**: Editora Universitária/UFPB, 1978. Vol. 2.

BRANDÃO. Carlos Rodrigues. **Peões, pretos, congos: trabalho e identidade étnica em Goiás**. Brasília: UNB, 1977.

BRUSCHETTA, Caian Alberto Andrade de Mello e. **O universo das benzedeiras: uma análise ontológica e semiológica da prática ritual e das narrativas de benzedeiras de Rebouças – PR. Anais do V Congresso da ANPTECRE “Religião, Direitos Humanos e Laicidade”**, v. 05, 2015.

CASCUDO, Luiz Da Câmara. **Historia dos nossos gestos**. Belo Horizonte: Hatiaia, São Paulo EDUSP, 1987.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Meleagro**. Rio de Janeiro: Agir Editora, 1978.

CAVALCANTE, Simone Gadelha. **Entre ciência e reza: estudo de caso sobre a incorporação das rezadeiras ao programa de saúde da família do município de Maranguape-CE**. Dissertação de mestrado. Universidade federal rural do rio de janeiro, 2006.

CAVALCANTI, Paulo B.; FRIKEL, Protásio. **A formacopéia Tiriyo - Estudo etnobotânico**. Belém: Museu Goldi, 1973.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DICIONÁRIO, **Do folclore brasileiro**. Cascudo, Luiz da Câmara. 9ª Ed. São Paulo: Global, 2000.

DICIONÁRIO **Internacional De Teologia Do Novo Testamento Sociedade Religiosa**. Vol I. São Paulo; Vida Nova 1981.

DUARTE FILHO, João. **O Sertão e o centro**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1938.

FRANCO Júnior, Hilário. **A Idade média: nascimento do ocidente**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

FREYRE, Gilberto. **Casa Grande & senzala**. Rio de Janeiro: Record, 1998.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7º ed. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.

HAUCK, João Fagundes (et alli). **História da Igreja no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1992.

LIMA, Adelânia Gouveia et al. (orgs). **Traços históricos do Cariri paraibano**. Joao Pessoa, 2012.

MEDEIROS FILHO, Olavo de. **Índios do Açú e Seridó**. Brasília: Gráfica do Senado Federal, 1984.

MELLO. Anderson da Silva. **Os aspectos da religiosidade popular na cidade de Cunha de Sá Marinha das Três Pontes**. Mestrado em ciências da religião PUC / SP, 1999.

MINAYO, M.C. de S.[et al] (Org.) **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 2.ed. Rio de Janeiro: vozes, 1994.

MIRANDA, Carlos Alberto Cunha. **A arte de curar nos tempos da colônia - limites e espaços de cura**. Recife: Fundação de Cultura da Cidade do Recife, 2004.

MONTERO, Paula. **Da doença à desordem. A magia na umbanda**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

MOURA, Elen Cristina Dias de. **Entre ramos e rezas: o ritual de benzeção em São Luiz do Paraitinga**. De 1950 a 2008. 208f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.

NANTES, Martinho de. **Relação de uma missão no rio São Francisco**. São Paulo: MEC/companhia Editora Nacional, 1979.

NOGUEIRA. Carlos Roberto. **Bruxaria e Historia: as práticas magicas no ocidente cristão**. São Paulo, EDUSC, 2004.

OLIVEIRA, Adriana Machado Pimentel de. **Entre a pré-história e a história: em busca de uma cultura histórica sobre os primeiros habitantes do Cariri Paraibano** / Adriana Machado Pimentel de Oliveira.- João Pessoa, 2009. 130p.

OLIVEIRA, Elda Rizzo. **A profanação do sagrado e a sacralização do profano**. Araraquara: UNESP-Faculdade de Ciências e Letras, 1992.

PESSIS, Anne-Marie. **Imagens Da Pré-História: Parque Nacional Serra Da Capivara.São Raimundo Nonato**: FUNDHAM/PETROBRÁS, 2003.

PIRES, Maria Idalina da Cruz. **Guerra dos Bárbaros: resistência indígena e conflitos no Nordeste Colonial**. Recife: CEPE, 1990.

RIETVELD, Padre Joao Jorge. **Histórias esquecidas do catolicismo caririzeiro**. Padre Joao Jorge Rietveld. 1. Ed. - Campina Grande-PB: Maxgraf- Grafia E Editora, 2014

SANTOS, Francimário Vito dos. **O ofício das rezadeiras: um estudo antropológico sobre as práticas terapêuticas e a comunhão de crenças em Cruzeta** – RN. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2007.

SANTOS, Juvandi de Souza. **Cariri e Tarairiú ? : culturas tapuias nos sertões da Paraíba** / Juvandi de Souza Santos. – Porto Alegre, 2009. 752 f.

SCLIAR, M. **Do mágico ao social: A trajetória da Saúde Pública**. Porto Alegre: L&M Edit., 1987.

SOUZA, Edinéia Maria Oliveira. **Memórias e tradições: viveres de trabalhadores rurais do município de Dom Macedo Costa Bahia (1930-1960)**. Dissertação de Mestrado. São Paulo. Pontifícia Universidade Católica, 1995.

SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a Terra de Santa Cruz: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

THOMPSON, E.P. **A formação da classe operária inglesa**. Vol I. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E.P. “Algumas observações sobre classe e falsa consciência”. In: **As peculiaridades dos Ingleses e outros artigos**. NEGRO, Antônio Luigi e SILVA, Marcos (Org.). Campinas: UNICAMP, 2001.

\_\_\_\_\_. **Costumes em comum**. Tradução: Rosaura Eichenberg. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.



## APÊNDICE - A



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
CAMPINA GRANDE

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Sr.(a),

Eu, **Naidilene Teófilo da Silva**, como aluna do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande, do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, pretendo desenvolver uma pesquisa sobre, Rituais de rezas e benzeduras no distrito de Santa Luzia do Cariri-PB. Com a finalidade de Analisar como ocorre as praticas e rituais de cura através de rezadeiras e benzedadeiras, sob a orientação do Prof. Dr. Faustino Teatino Cavalcante Neto.

A metodologia da pesquisa consiste numa abordagem na qual o pesquisador necessita de contato e de escuta da população, médico e padre entrevistados, sobre aspectos relacionados ao tema sobre Rituais de rezas e benzeduras e como ocorre o processo de cura através desses rituais de ambos entrevistados, entre os instrumentos utilizaremos a entrevistas e análise categorial para atingir os objetivos desejados.

Informamos que será garantido o direito ao anonimato, assegurando sua privacidade. Você será livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa. A sua participação é voluntária, não irá acarretar qualquer dano nem custos, para o seu envolvimento na pesquisa. Esclarecemos que não envolve nenhum tipo de compensação financeira, nem para os pesquisados nem para o pesquisador, visto que se trata de uma pesquisa acadêmica para conclusão do trabalho de curso, e que os dados contidos nesta investigação serão divulgados em eventos científicos da área educacional.

Diante do exposto, reitero minha responsabilidade no referido estudo, através das assinaturas abaixo.

*Naidilene Teófilo da Silva*

Naidilene Teófilo da Silva – estudante pesquisador

Matricula: 712130089

*Faustino Teatino Cavalcante Neto*

Prof. Dr. Faustino Teatino Cavalcante Neto – Professor. Orientador

Matricula: 3524120

Consentimento:

*Maria Elisa d. Conceição*

## APÊNDICE - B



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
CAMPINA GRANDE

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Sr.(a),

Eu, **Naidilene Teófilo da Silva**, como aluna do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande, do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, pretendo desenvolver uma pesquisa sobre Rituais de rezas e benzeduras no distrito de Santa Luzia do Cariri-PB. Com a finalidade de analisar como ocorre as práticas e rituais de cura através de rezadeiras e benzedoras, sob a orientação do Prof. Dr. Faustino Teatino Cavalcante Neto.

A metodologia da pesquisa consiste numa abordagem na qual o pesquisador necessita de contato e de escuta da população, médico e padre entrevistados, sobre aspectos relacionados ao tema sobre Rituais de rezas e benzeduras e como ocorre o processo de cura através desses rituais de ambos entrevistados, entre os instrumentos utilizaremos a entrevistas e análise categorial para atingir os objetivos desejados.

Informamos que será garantido o direito ao anonimato, assegurando sua privacidade. Você será livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa. A sua participação é voluntária, não irá acarretar qualquer dano nem custos, para o seu envolvimento na pesquisa. Esclarecemos que não envolve nenhum tipo de compensação financeira, nem para os pesquisados nem para o pesquisador, visto que se trata de uma pesquisa acadêmica para conclusão do trabalho de curso, e que os dados contidos nesta investigação serão divulgados em eventos científicos da área educacional.

Diante do exposto, reitero minha responsabilidade no referido estudo, através das assinaturas abaixo.

*Naidilene Teófilo da Silva*

Naidilene Teófiloda Silva – estudante pesquisador

Matrícula: 712130089

*Faustino T. Cavalcante Neto*

Prof. Dr. Faustino Teatino Cavalcante Neto – Professor. Orientador

Matrícula: 3524120

Consentimento:

*Foscel Damasceno de Amorim*



## APÊNDICE - C



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
CAMPINA GRANDE

**CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Prezado(a) Sr.(a),

Eu, **Naidilene Teófilo da Silva**, como aluna do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande, do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, pretendo desenvolver uma pesquisa sobre Rituais de rezas e benzeduras no distrito de Santa Luzia do Cariri-PB. Com a finalidade de analisar como ocorre as práticas e rituais de cura através de rezadeiras e benzedadeiras, sob a orientação do Prof. Dr. Faustino Teatino Cavalcante Neto.

A metodologia da pesquisa consiste numa abordagem na qual o pesquisador necessita de contato e de escuta da população, médico e padre entrevistados, sobre aspectos relacionados ao tema sobre Rituais de rezas e benzeduras e como ocorre o processo de cura através desses rituais de ambos entrevistados, entre os instrumentos utilizaremos a entrevistas e análise categorial para atingir os objetivos desejados.

Informamos que será garantido o direito ao anonimato, assegurando sua privacidade. Você será livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa. A sua participação é voluntária, não irá acarretar qualquer dano nem custos, para o seu envolvimento na pesquisa. Esclarecemos que não envolve nenhum tipo de compensação financeira, nem para os pesquisados nem para o pesquisador, visto que se trata de uma pesquisa acadêmica para conclusão do trabalho de curso, e que os dados contidos nesta investigação serão divulgados em eventos científicos da área educacional.

Diante do exposto, reitero minha responsabilidade no referido estudo, através das assinaturas abaixo.

*Naidilene Teófilo da Silva*

Naidilene Teófiloda Silva – estudante pesquisador

Matricula: 712130089

*Faustino Teatino Cavalcante Neto*

Prof. Dr. Faustino Teatino Cavalcante Neto – Professor. Orientador

Matricula: 3524120

Consentimento:

*Josely Góvelma da Conceição*

## APÊNDICE - D



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
CAMPINA GRANDE

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Sr.(a),

Eu, **Naidilene Teófilo da Silva**, como aluna do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande, do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, pretendo desenvolver uma pesquisa sobre Rituais de rezas e benzeduras no distrito de Santa Luzia do Cariri-PB. Com a finalidade de analisar como ocorre as práticas e rituais de cura através de rezadeiras e benzedadeiras, sob a orientação do Prof. Dr. Faustino Teatino Cavalcante Neto.

A metodologia da pesquisa consiste numa abordagem na qual o pesquisador necessita de contato e de escuta da população, médico e padre entrevistados, sobre aspectos relacionados ao tema sobre Rituais de rezas e benzeduras e como ocorre o processo de cura através desses rituais de ambos entrevistados, entre os instrumentos utilizaremos a entrevistas e análise categorial para atingir os objetivos desejados.

Informamos que será garantido o direito ao anonimato, assegurando sua privacidade. Você será livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa. A sua participação é voluntária, não irá acarretar qualquer dano nem custos, para o seu envolvimento na pesquisa. Esclarecemos que não envolve nenhum tipo de compensação financeira, nem para os pesquisados nem para o pesquisador, visto que se trata de uma pesquisa acadêmica para conclusão do trabalho de curso, e que os dados contidos nesta investigação serão divulgados em eventos científicos da área educacional.

Diante do exposto, reitero minha responsabilidade no referido estudo, através das assinaturas abaixo.

*Naidilene Teófilo da Silva*

Naidilene Teófiloda Silva – estudante pesquisador

Matricula: 712130089

*Faustino Teatino Cavalcante Neto*

Prof. Dr. Faustino Teatino Cavalcante Neto – Professor. Orientador

Matricula: 3524120

Consentimento: *Lays Luiza Ramon*



## APÊNDICE - E



UNIVERSIDADE FEDERAL DE  
CAMPINA GRANDE

CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO

## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Sr.(a),

Eu, **Naidilene Teófilo da Silva**, como aluna do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal de Campina Grande, do Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido, pretendo desenvolver uma pesquisa sobre Rituais de rezas e benzeduras no distrito de Santa Luzia do Cariri-PB. Com a finalidade de analisar como ocorre as práticas e rituais de cura através de rezadeiras e benzedadeiras, sob a orientação do Prof. Dr. Faustino Teatino Cavalcante Neto.

A metodologia da pesquisa consiste numa abordagem na qual o pesquisador necessita de contato e de escuta da população, médico e padre entrevistados, sobre aspectos relacionados ao tema sobre Rituais de rezas e benzeduras e como ocorre o processo de cura através desses rituais de ambos entrevistados, entre os instrumentos utilizaremos a entrevistas e análise categorial para atingir os objetivos desejados.

Informamos que será garantido o direito ao anonimato, assegurando sua privacidade. Você será livre para retirar seu consentimento ou interromper a participação a qualquer momento da pesquisa. A sua participação é voluntária, não irá acarretar qualquer dano nem custos, para o seu envolvimento na pesquisa. Esclarecemos que não envolve nenhum tipo de compensação financeira, nem para os pesquisados nem para o pesquisador, visto que se trata de uma pesquisa acadêmica para conclusão do trabalho de curso, e que os dados contidos nesta investigação serão divulgados em eventos científicos da área educacional.

Diante do exposto, reitero minha responsabilidade no referido estudo, através das assinaturas abaixo.

*Naidilene Teófilo da Silva*

Naidilene Teófiloda Silva – estudante pesquisador

Matricula: 712130089

*Faustino T. Cavalcante Neto*

Prof. Dr. Faustino Teatino Cavalcante Neto – Professor. Orientador

Matricula: 3524120

Consentimento: \_\_\_\_\_

*P. E. Cavalcante Neto*

## APÊNDICE F – QUESTIONÁRIO APLICADO AOS (AS) REZADEIROS (AS)



**CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

**Pesquisadora:** Naidilene Teófilo da Silva, estudante do curso de educação do campo da UFCG Campos Sumé- PB.

**Orientador:** Faustino Teatino Cavalcante Neto

**Entrevistado:**.....

### **Perfil dos benzedeiros (as)**

1-Gênero: ( ) masculino ( ) feminino

1- Idade:

2- Estado civil:

3- Nível de escolaridade:

( ) alfabetizado

( )Analfabeto

( )Ensino fundamental completo

( )Ensino fundamental incompleto

( )Ensino médio completo

4- Situação sócio econômica:

Qual a sua profissão?

Esta trabalhando atualmente?

( ) sim                      ( ) não

Renda mensal:

- ( ) Menos de um salário mínimo
- ( ) 1 a 2 salários mínimos
- ( ) 3 a 5 salários mínimos
- ( ) Mais de 5 salários mínimos

5- Qual a sua Religião?

### **Sobre a prática do ofício**

7- Como aprendeu o ofício da reza?

6- Quais os tipos de reza que você pratica?

7- Suas curas?

1- Como ocorreu o processo de aprendizagem do ofício da prática de cura através da reza?

2- Antigamente como era a realidade do acesso a médicos aqui na cidade de Santa Luzia do Cariri? Como eram realizadas as práticas de cura nessa época, eram bem mais frequentes que hoje em dia?

3- Existia algum incentivo dos médicos para se curar certas doenças através das rezas?

4- Relate um fato que ocorreu com o senhor(a) ou com alguém conhecido sobre a cura de uma doença através da reza.

5- O senhor (a) acha que ainda existem doenças que são curadas somente através de rezas?

6- Existe o reconhecimento da população hoje em dia na eficácia da reza?

## APÊNDICE G – QUESTIONÁRIO APLICADO AO PÁROCO LOCAL



**CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Questionário

Perfil do Profissional

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_

Especialização: \_\_\_\_\_

1-Qual a visão que a igreja católica tem diante das praticas de rezas dessas mulheres e homens?

2-já houve uma mudança de postura em relação e essa pratica?

3-saberia dizer como essas praticas de rezas surgiram?

4-você considera que essas praticas tenham uma importância mágico-religiosa para os que a ela recorrem?

5-as rezadeiras se identificam enquanto praticantes desses ritos mágico-religiosos?



## APÊNDICE H – QUESTIONÁRIO APLICADO AO MÉDICO LOCAL



**CENTRO DE DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO SEMIÁRIDO  
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO DO CAMPO  
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO**

Questionário

Perfil do Profissional

Nome: \_\_\_\_\_

Idade: \_\_\_\_\_

Sexo: \_\_\_\_\_

Naturalidade: \_\_\_\_\_

Formação: \_\_\_\_\_

Especialização: \_\_\_\_\_

1- Conhece Plantas Medicinais? Qual a importância das Plantas Medicinais e Fitoterapia?

2- Você acredita que os seus conhecimentos sobre plantas medicinais e fitoterapia são suficientes para uma orientação e/ou prescrição adequada?

3- Sabemos que procedimentos como uso de plantas medicinais e rezas para cura de doenças, através benzedeiros(as), é muito forte aqui em nossa região. Qual a sua opinião sobre isso?